

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 44

06 de fevereiro de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde, sejam bem-vindos. Hoje eu queria aprofundar um tema que eu já mencionei há um tempo atrás, mas que me parece muito importante nessa etapa preparatória. Dele vai resultar mais um exercício, que, creio, poderá ser praticado não uma vez ou duas vezes, mas de um certo modo para o resto das suas vidas.

Dezessete anos atrás, eu li um livro do economista francês Jean Fourastié, *Les Conditions de l'esprit scientifique, As condições do espírito científico*. O livro, embora tenha uma série de erros e equívocos, foi muito útil porque me chamou a atenção para o fenômeno mais óbvio, onipresente e menos reparado do mundo, que é o fenômeno da ignorância. Fourastié dá um peso positivo à noção da ignorância e isto constitui realmente a única coisa que tem importância neste livro. Fora disso, o autor demonstra até mesmo uma incompreensão do fenômeno de ignorância científica que ele mesmo está analisando. Mais tarde veremos isso.

Mas o que importa é que, ao chamar a atenção para esse problema, ele chega até mesmo a falar em uma ciência da ignorância — não no sentido do Rui Barbosa, que dizia que via tantos idiotas subindo na vida que estava começando a desconfiar que a idiotice era uma ciência, mas no sentido bruto, daquilo que você não sabe. Ao examinarmos o panorama das ciências contemporâneas temos a impressão de uma enorme riqueza de conhecimento, sobretudo porque se manifesta em uma infinidade de registros (livros, publicações científicas, bibliotecas, arquivos etc.) que se tornam totalmente inabarcáveis.

Mas nós poderíamos perguntar: em que medida um conjunto de registros inacessíveis ao ser humano constituem conhecimento? Se é algo que ninguém pode conhecer na sua totalidade, então aquilo não é propriamente conhecimento. Pelo seu volume, estes registros se tornam, para a inteligência do indivíduo, uma coisa tão opaca quanto o próprio mundo físico.

O mundo físico em torno, árvores, pedras, bosques, animais etc. é também uma coleção de registros de conhecimento. O que um cientista faz ao investigar qualquer destes objetos não é nada mais do que decifrar esses registros que

estão embutidos no próprio objeto: a estrutura de um mineral está embutida no mineral, as regras da fisiologia de um animal estão embutidas no corpo do animal e assim por diante. Qualquer estudo da natureza não é senão uma decifração de registros naturais.

Quando estudamos história nós também estamos decifrando registros. São textos, monumentos, edifícios, obras de arte, músicas, documentos em geral. Estes documentos não são registros naturais, são registros humanos, artificiais, e estudar história consiste justamente em decifrar esses registros. Do mesmo modo a totalidade do “conhecimento científico disponível” que tentamos imaginar nos chega exatamente como chega o material histórico: sob a forma de registros humanos que têm de ser decifrados e que, na verdade, ninguém poderia decifrar no seu conjunto.

Então nós temos aí três camadas de registros a serem decifradas: Primeiro nós temos os registros naturais, tudo aquilo que está dado para nós na natureza; a linguagem que está embutida nos seres da natureza. Em segundo lugar temos os registros legados pela história. Estes registros não foram criados em vista de uma finalidade científica. Quando um sujeito, há mil anos atrás, vendia uma terra para o outro e eles redigiam e arquivavam um contrato, isso não era feito com propósito científico, mas com propósito prático. Do mesmo modo, quando algum governante assina um decreto, ele também não fez o decreto com finalidade científica. Tudo isso faz parte da vida ativa das pessoas, e essa vida gera uma infinidade de registros.

Então, primeiro nós temos os registros naturais, depois temos os registros humanos da vida ativa, e em terceiro a coleção de registros da vida cognitiva. Cada um desses forma um conjunto de registros tão imensamente inabarcável que se torna tão inviável chamar de conhecimento o conjunto dos registros cognitivos quanto os dois outros registros. Isto não é conhecimento, isto é um conjunto de objetos. O registro é um objeto: um livro, um papel, um microfilme, um videotape, um DVD, um programa de computador etc. São coisas que ficam registradas, você não pode arquivar pensamentos. Você arquiva os signos visíveis, os signos materiais, que uma vez decifrados podem, idealmente, fornecer conhecimento àquele que os decifrou.

Mas, neste sentido, qual é a diferença entre, digamos, um livro em língua estrangeira e uma pedra? Se voce decifrar uma pedra você vai conhecer a estrutura mineralógica dela, e se você decifrar a linguagem na qual um livro está escrito, você vai descobrir o que está escrito lá. Nos dois casos, são objetos físicos a serem decifrados.

Não há, portanto, nenhum sentido em você falar em progresso do conhecimento. O que existe é um aumento do número de registros e , eventualmente, um aumento do número de pessoas que são treinadas para decifrar esses registros. Não há a possibilidade de um progresso substantivo. A capacidade de decifrar registros não pode ser transmitida nem geneticamente e nem culturalmente; cada nova geração vai ter de aprender tudo de novo.

Como exemplo posso citar dois livros que me impressionaram muito: um foi a biografia de Napoléon Bonaparte por Walter Scott e outro foi o livro de Hippolyte Taine, *Origens da França contemporânea*, ambos livros do Séc. XIX. Naquela época não havia computador, nem sequer máquina de escrever, e os documentos eram levados para o Walter Scott em carroças e mais carroças carregadas de papel. Ele, como era um sujeito que tinha dinheiro, comprava os documentos, e o pessoal entregava carregamentos imensos de papéis. A biografia que ele escreveu de Napoleão acabou se transformando em uma história inteira da Revolução Francesa. Com muita modéstia, ele disse: “Pra contar a história de Napoleão, nós temos que dar uma idéia genérica do que foi a revolução”. E aí ele passa duzentas ou trezentas páginas contando a história da revolução antes de entrar na vida de Napoleão propriamente dita.

Já o Hippolyte Taine não adquiriu os documentos pessoalmente, ele ia a bibliotecas, mas o volume de coisas que esse homem leu para escrever esse livro eu consideraria inabarcável. Eu não conheço nenhum historiador hoje que consiga ler, decifrar e colocar em ordem uma montanha de documentos como aquela com que Hippolyte Taine lidou para escrever esse livro.

Mais impressionante ainda foi o exemplo do historiador italiano Cesare Cantu. Ele estava preso, e decidiu escrever uma história universal de memória, sem documento algum. E escreveu uma história universal em trinta volumes. Não interessa que a obra tenha vários erros, é claro que tem, mas o fato do sujeito se recordar, mesmo aproximadamente, de tudo o que ele leu na vida e conseguir botar em uma ordem cronológica e compor uma história universal; **[0:10]** que historiador hoje conseguiria fazer isso?

Então, a massa de dados com que essas pessoas lidaram é tão complexa e indecifrável em si mesma, quanto uma árvore ou uma pedra. Talvez seja mais fácil você descrever, por exemplo, a anatomia e a fisiologia de um animal do que você decifrar essa massa de documentos. De um certo modo, o conjunto desses registros — do qual uma parte são de ordem não-cognitiva, registros de vida ativa, e outros são de ordem propositadamente cognitiva, livros de história — são tão opacos quanto qualquer objeto da natureza, mesmo quando consideramos apenas um horizonte específico determinado por um assunto limitado.

Então temos que entender que a idéia de progresso do conhecimento é uma concepção metafórica, é uma figura de linguagem, e ela não corresponde a nada de real, nada que seja reconhecível. A capacidade que nós temos de lidar com o conjunto desses registros é limitada. Você pode dizer que existe a transmissão cultural, mas como essa transmissão se opera? Através de novos registros. Então, ao invés da transmissão cultural facilitar alguma coisa, ela coloca mais camadas de registro em cima. O resultado é este aqui:

“Tenho dificuldades inauditas e, digamos logo, no conjunto eu fracasso, quando tento saber o que estão fazendo os matemáticos contemporâneos, e porque estão fazendo. Aprendo com espanto, mas

como um estranho e um amador, aonde chegaram os biólogos e os biofísicos”.

Quem escreveu isso foi o físico Julius Robert Oppenheimer, já na velhice. Quer dizer, um físico experimentado, da mais alta competência, ao penetrar nesses outros setores, como a matemática, se sentia um amador. Isso quer dizer que a matemática que ele usava para a física era elementar e primitiva em comparação com os progressos da matemática obtido no pelos matemáticos especializados.

Me lembro que, quando eu li o livro *O sonho de Descartes*, o sujeito ali dizia que por ano surgem quarenta mil novos trabalhos importantes só em matemática. Isso quer dizer que a matemática contemporânea já descobriu instrumentos matemáticos que nenhuma ciência pode usar, que está acima da necessidade de qualquer ciência existente e talvez por existir. Isso somente em um setor.

Quando vemos tudo isso, nós dizemos que é progresso do conhecimento, mas isso é apenas aumento do número de registros. Se, ao mesmo tempo que existe essa acumulação imensa do número de registros, existissem técnicas capazes de facilitar a absorção e integração desses registros pela inteligência humana, talvez pudéssemos dizer que, numa determinada geração, apareceria um sujeito que saberia mais que os outros.

Mas, nós podemos dizer que Robert Oppenheimer sabia mais que Paracelso, ou que sabia mais que Aristóteles? Não, de jeito nenhum. Se você pegar o volume de informações a disposição de cada um, você verá que existe um limite intransponível do qual ninguém passa. Isso mesmo se você pegar os homens mais cultos da humanidade, que eu creio que foram Aristóteles e depois Leibniz. Não há nada que se compare a esses dois. Eles foram os camaradas que estavam mais informados sobre sobre tudo que estava se fazendo na época deles. Mas isso não quer dizer que eles tivessem perfeito conhecimento do *status questionis* de cada ponto. Saber o que os cientistas estão fazendo hoje em uma determinada área não é saber como foi que eles chegaram ali, não é saber todo o trajeto percorrido de geração em geração até chegar àquele resultado. Estou falando apenas em termos de atualização, quer dizer, eles estavam mais ou menos atualizados com estado de várias ciências.

Antes de ter lido o Fourastié eu já me preocupava muito com isso, porque como eu fiz toda a minha educação à margem do sistema educacional existente, eu não podia jamais me apoiar naquela ilusão de que, se eu não sei alguma coisa, existe alguém que sabe e a quem eu posso perguntar. Eu não tinha essa ilusão de que existe uma classe de pessoas que sabem tudo e que basta fazermos as perguntas certas que obteremos as respostas adequadas. Eu mesmo tinha de colocar a pergunta e procurar a resposta, vasculhar os arquivos, decifrar os registros etc. Logo percebi os meus limites nessa coisa. Eu posso ir até um certo ponto, dali por diante o que vem? Vem uma interrogação.

Então, daquilo que eu não sei, tem muitas coisas que eu jamais saberei e que não vão interferir no mais mínimo que seja na minha investigação daqueles campos que me interessam. Mas existem muitas coisas que são essenciais para mim e que eu não posso saber. Eu vou dar aqui alguns exemplos para vocês.

Por exemplo, a sua identidade pessoal, aquilo que você chama de eu. Acho que não existe coisa mais importante pra alguém do que o seu próprio eu. Por mais humilde que você seja, vamos supor que você seja um santo, mesmo os santos têm de confessar seus pecados. Mas como você vai confessar seus pecados se você não se recorda da sua vida? E tem de conhecer com uma certa precisão elementos muito sutis como os seus pensamentos, as intenções que você teve, aqueles atos que você quase fez, mas não fez. Então temos atos, pensamentos, palavras e omissões. Até um santo tem de se preocupar com o seu eu. Não tenha dúvida que para cada pessoa a coisa mais importante que existe é o seu eu.

Ora, você conhece a história desse eu? Você sabe como ele se formou? O certo é dizer que você sabe um pedaço aqui, outro ali. Você não tem a continuidade interior. E no entanto, se essa continuidade interior não existisse objetivamente, você não teria eu nenhum. Você não pode suspender a sua história, fazer com que nada aconteça, e depois retomar a sequência adiante — digamos, daqui a três meses — com perfeita continuidade em relação à parte que ficou pra trás. Você sabe imediatamente que a história do seu eu é uma história contínua, ela nunca parou. Ela começou na hora que você nasceu, talvez tenha começado antes, e ela nunca parou, nem por um único minuto. Tudo o que está acontecendo está de algum modo marcando a história do seu eu: coisas que lhe aconteceram, sonhos que você teve, pensamentos que lhe ocorreram, coisas que lhe disseram, estados físicos que você atravessou ao longo da sua vida etc. Tudo isto foi compondo ao longo dos tempos a história do seu eu. Essa história não foi suspensa, não foi cortada, ela não teve descontinuidade um único momento. **[0:20]** Fatalmente você tem um resíduo final que você chama o seu eu presente e que você reconhece.

Eu não estou falando do seu sub-consciente ou do seu inconsciente, eu estou falando daquilo que é mais consciente, exatamente daquilo que você chama de eu. Não posso dizer que você não conhece esse eu, tanto você o conhece que você o reconhece. Por exemplo, quando o acusam de fazer alguma coisa que foi um outro que fez, você sabe que não foi você quem fez. E ao contrário, quando você esconde algo que você fez e que os outros não sabem, você sabe que você fez. Então essa capacidade de reconhecer mostra que você conhece. No entanto é preciso ver que a continuidade e unidade desse eu permanecem desconhecidas pra você. Você confia nelas, sabe que elas existem, mas não tem nenhum indício material de como possa ter sido essa continuidade, você só tem fragmentos.

Lembre-se que algumas aulas atrás eu disse que todo e qualquer conhecimento que nós pudéssemos obter do mundo sensível é fragmentário, sempre. A nossa percepção espacial é fragmentária, nós não podemos ver o

que está atrás de nós e o que está à frente ao mesmo tempo. No entanto, olhando para a frente nós imaginamos o que está atrás e confiamos nele, e isso nunca falhou. Se já se passou com alguém daqui de olhar para a frente e ter um mundo e olhando para trás não ter nada, por favor me informem, isso seria muito interessante. Que eu saiba, isso nunca aconteceu pra ninguém. Essa confiança de que existem coisas que você não está vendo porque estão atrás jamais foi traída, jamais foi defraudada. Mas continua sendo impossível você ter a percepção de trás e da frente ao mesmo tempo.

Outro exemplo é a nossa percepção de profundidade. Você está normalmente em pé, sentado ou deitado, em cima do chão, evidentemente, confiando neste chão. Mas você sabe o que tem embaixo? Você supõe que existe uma série de camadas geológicas, que vai formar um negócio mais ou menos esférico, que está boiando no espaço e que por sua vez não está assentado em chão nenhum. Não é uma coisa extraordinária? Você está de pé, assentado no chão, embaixo do qual não tem chão nenhum. Se você tentar orientar o seu movimento com base no que você sabe dos movimentos da Terra, você vai cair. Imagine que eu estou indo para um lado, mas que ao mesmo tempo a Terra está indo para o outro lado, porque ela está girando; além disso existe o outro movimento de translação, ela está girando em torno do Sol; este por sua vez está indo em direção à estrela Vega; e assim por diante. Tente imaginar todo este movimento complexo e você não anda um centímetro com base nisso. Você consegue andar na base de ignorar as condições astronômicas, geológicas, geofísicas etc que determinam a possibilidade do seu movimento. Vejam a importância da ignorância. Se nós tivéssemos que levar tudo isso em conta, não conseguiríamos andar. Nós contamos com uma série de dados que não estão ao nosso alcance, mas em cuja unidade, coerência e continuidade nós confiamos.

Vejam agora o seguinte: tente se lembrar do que você fez durante o dia de ontem. Você não consegue se lembrar nem 5%. Vamos pegar uma coisa só: os movimentos que você fez. Esqueça os pensamentos, as palavras etc. Tente recompor os seus movimentos e você vai ver que é impossível. Nem isso nós podemos saber. Não dá para saber o que você fez ontem. Não dá para saber os nem gestos e os movimentos que você fez ontem. E os pensamentos que lhe ocorreram? Eles não pararam durante um único instante. Quando você tenta, por exemplo, lembrar um sonho, você lembra apenas pedaços, mas no entanto sabe que o sonho teve continuidade.

Notem que eu não estou me referindo a conhecimentos genéricos que estão fora da sua área de interesse pessoal, que são remotos. Eu não estou falando, por exemplo, da sua ignorância das ciências em geral ou da história em geral, mas estou falando da sua ignorância de fatores que estão presentes na sua vida neste momento e que você considera importantes.

Indo um pouco mais além, imagine a história da sua família. Até onde você consegue remontar? Mesmo que seja apenas uma história esquemática de cada personagem. O sujeito nasceu em tal lugar, teve tal profissão, viveu tantos anos, casou com fulana, teve tantos filhos etc. Mesmo que seja só isso,

até onde você consegue remontar a sua árvore genealógica? Avós, bisavós. Eu sei sobre meus avós, de meus bisavós tenho uma idéia vaga, tetravós, já sumiu.

No entanto, se existe uma coisa óbvia é que a sua história familiar é contínua desde o começo do mundo, caso contrário você não poderia existir de maneira alguma. Se durante uma geração os membros da sua família decidissem não procriar, você não estaria aqui. Existem famílias que são extintas: chega uma certa geração, ninguém tem filhos, acabou a família. Isso quer dizer que o possível descendente deles não existirá. Podemos dizer que isso aconteceu com você? Claro que não. Desde a primeira geração humana — se é que existiu uma primeira —, remontando à origem dos tempos, os seus antepassados jamais pararam de procriar, senão você não estaria aqui. Isso quer dizer que a história da sua herança genética é contínua desde o começo do mundo. É possível que algum elemento da sua carga genética esteja faltando em você? Não, não pode, eles têm de estar todos lá. Estão colocados em uma ordem diferente entre você e os seus parentes, os seus irmãos, sua mãe, seu pai, mas eles estão todos lá. Se faltasse um, você não estaria aí.

Então você sabe que a mera possibilidade da sua existência física dentro da espécie humana depende de uma continuidade que jamais falhou. E no entanto, o conhecimento que você tem desta linha contínua é totalmente descontínuo. Você não tem nenhuma dúvida que a sua linha familiar é contínua, porque se ela for descontínua alguém teve que nascer por geração espontânea. Embora não costumemos pensar nisso — e note que este dado tem uma importância psicologia e afetiva para o ser humano que eu vou mencionar daqui a pouco, é uma importância extraordinária —, o fato é que acreditamos numa continuidade familiar da qual não temos nenhum conhecimento.

Na melhor das hipóteses até onde você chega? Eu tinha um amigo suíço chamado Willi Wirz **[0:29:28]**, que tinha trabalhado em uma empresa de relógios, Patek Philippe ou algo assim, e era um homem com mania de precisão. O divertimento dele era corrigir a Enciclopédia Britânica, descobrir pequenos erros, como latitude e longitude de uma cidade, e escrever para a enciclopédia informando o erro; na edição seguinte eles corrigiam. **[0:30]** E ele tinha na sua casa uma árvore genealógica que remontava até mais ou menos 1200 — olha que coisa prodigiosa, isso no Brasil é impossível, mas na Suíça era possível. Daí eu perguntei: Você é de família nobre? Ele falou: Não. O que faziam seus antepassados? “Era uma família de ferreiros.” Então a linhagem era de ferreiros. Mais ou menos, ele sabia alguma coisa sobre seus antepassados até o ano de 1200. Mas o que ele sabia? O nome, o lugar, a data de nascimento e fim de papo, mais nada. Nem sequer ele sabia, como em qualquer família jamais podemos ter a certeza, se a linha geracional é exatamente a que está no papel... É aquela história do Redneck:

“A menina se apaixonou pelo rapaz e daí queria casar. O pai dela falou ‘não, não dá pra você casar com ele porque ele é seu irmão’. Ela foi chorando falar com a mãe: ‘eu descobri que o fulaninho é filho do pai e tal, então não posso

casar com ele'. A mãe disse 'não, não se preocupe, porque você também não é filha do seu pai' ”.

Isto pode acontecer nas melhores famílias — jamais saberemos. A possibilidade da nossa presença aqui, neste planeta, depende desta continuidade, da qual nós não temos a menor idéia.

Mas, preste atenção, no momento em que um homem e uma mulher têm uma relação sexual, não sendo a possibilidade da procriação bloqueada por uma camisinha ou por qualquer outro meio artificial, toda esta hereditariedade está presente ali. Você está continuando uma história que veio desde o início dos tempos. Veja que coisa gravíssima que é isto! Todos os seus antepassados estão presentes ali naquele momento. Se por acaso a mulher engravidar, você não sabe de qual destes antepassados, seus e dela, ele vai “puxar”. Você pode estudar toda a genética do mundo e mesmo assim não dá para prever. Mas você sabe que alguma herança genética vai passar para ele: pode ser de um avô, de um tetra-avô, não sabemos. Mas você não pode impedir que isto aconteça... Acontecerá necessariamente.

Mas numa época em que as pessoas usam camisinha e fazem sexo virtual este “arraigamento” da vida sexual na história da humanidade inteira desapareceu, porque, evidentemente, se o sujeito está fazendo sexo virtual, na verdade nada acontecerá senão na imaginação. E na imaginação, você pode imaginar que você é Adão no Paraíso, você é o primeiro, não tem antepassados. Veja também que no contato sexual do homem com a mulher existe uma transformação bioquímica (e até alquímica) muito profunda que não pode acontecer no sexo virtual, no sexo com camisinha ou na relação homossexual. Estes três não são relações sexuais, porque você não tem o cruzamento da herança genética de um com a herança genética de outro, o qual acontece mesmo no caso da mulher não engravidar. Então não é uma relação sexual, é uma relação sexual hipotética. Portanto, toda relação homossexual é virtual — ela só acontece em certos níveis mais externos e aparentes; a relação profunda não existe.

Isto é uma coisa muito importante para você entender qual é a sua situação real no mundo. Todos nós sabemos disso e levamos isto em conta, embora não com a frequência com que devíamos fazer. Mas como sabemos isso? Qualquer pessoa imediatamente entende que eu tenho razão quando lhe digo que a sua linha de herança genética é contínua, que não houve saltos. É uma linha perfeitamente contínua que eu consigo conceber e conhecer concretamente apenas uns pedacinhos, mas da qual eu tenho certeza absoluta da sua continuidade assim como eu tenho certeza absoluta de que atrás de mim tem alguma coisa quando eu estou olhando para frente e eu sei que jamais eu serei traído nesta expectativa.

Existe um gênero literário muito interessante que são os romances de família como o *Buddenbrooks* de Thomas Mann ou, no Brasil, *O tempo e o vento* do Érico Veríssimo. Também há *A coroa de areia* de Josué Montello e *Os tambores*

de São Luís¹, do mesmo autor, que é a história de uma família de escravos desde que o primeiro chegou ao Brasil até o último, já no século XX, que já não era mais escravo, era um professor. Mas quantas gerações ele pegou? Quatro, cinco? O que é isso em face da história genética total? Nada. E, no entanto, lemos este livro e temos a impressão de um recuo histórico formidável. Percebemos que o conhecimento desta história dos antepassados ilumina muito a nossa vida, sobretudo quando você leva em conta aquilo que dizia Szondi “*Você está repetindo esquemas de vida que foram dos seus antepassados*”. Ele diz que em cada alma humana existe uma galeria imensa de personagens antigos, cada um deles exigindo voltar à vida através de você. Então é o seu bisavô, sua tataravó etc, dizendo para você viver a vida dele e não a sua. Então isto está presente em cada um de nós. Esta pressão da carga genética que nos impele a uma ou outra conduta e que, como bem mostrou o Szondi, em cada indivíduo forma uma constelação de impulsos que o acompanhará toda a vida e mostrará o repertório de possibilidades que ele tem. Ele pode jogar com estes elementos, que são os que ele tem, porque ele não tem outros. Com um esforço de abstração monstruoso, Szondi conseguiu reduzir estes impulsos fundamentais a oito. Mas você imagina a enorme variedade de combinações que pode sair da combinação de oito fatores com várias gradações quantitativas diferentes.

O conhecimento que nós temos disso é, no máximo, esquemático, mas sabemos que as influências estão todas lá, sem saber de onde elas saíram precisamente. Por exemplo, por que uma criança prefere ficar brincando sozinha com seus bonequinhos, enquanto outra quer sair, encontrar outras crianças, brincar fora etc? Por que uma criança tem um tônus vital mais alegre e outra mais tristonha, mais melancólica? Tudo isso vem pronto, isso é carga genética. E daí nós dizemos: “eu sou assim”. Você se identifica com estes impulsos, com estes sentimentos, como se fossem os seus. Mas eles não são seus ainda. Serão seus na hora que você tiver um eu formado. A formação deste eu depende de um arranjo que você vai fazer entre seus vários impulsos [0:40], alguns dos quais podem ser contraditórios entre si, de modo que você não pode atender os dois ao mesmo tempo. E você terá que fazer um arranjo: eliminar um; sobrepor um ao outro; fazer uma combinação; fazer uma coisa durante um tempo e outra durante outro tempo etc. É este arranjo que vai compor a figura da sua personalidade e vai dar ao seu eu um formato reconhecido de tal modo que você saberá o que é natural pra você e o que não é. E quando forçado pela circunstância a agir de uma maneira que não lhe é própria, você saberá que está fora do seu elemento. Por exemplo, uma escolha de trabalho. Você quer trabalhar em uma coisa, mas seu pai quer que você trabalhe em outra. Por que você sabe que esta outra coisa não lhe serve? Se o próprio pai está querendo que você faça isto é porque alguma relação com herança genética isto tem, só que dentro dos vários componentes genéticos da sua personalidade, não é isso que você escolheu. Ele pode estar presente dentro de você, mas não é aquele que você quer enfatizar, puxar para o primeiro plano. Ou seja, até a construção do nosso eu, que é a coisa mais

¹ Nota do revisor: Durante a aula o Olavo não recordou o nome do livro de Josué Montello, mas o transcritor deste trecho sugeriu que o professor estava se referindo à obra *Os tambores de São Luís*. Após conferir o tema do livro e ler alguns trechos do mesmo julguei ser a sugestão acertada.

íntima nossa, depende de uma história que nos é totalmente desconhecida e de fatores que estão presente em nós, mas que também nos são desconhecidos.

Se isto é assim até na existência concreta do indivíduo humano, que tem uma continuidade física no tempo e no espaço desde o momento da sua geração até o momento da sua morte — ele só vai se decompor na morte —, quanto mais não o será em um negócio chamado cultura ou ciência que não tem existência e unidade orgânica, que é resultado de ações, escolhas e empreendimento feitas por mil e um sujeitos separados ao longo do tempo (...). Se você falar, por exemplo, “vamos estudar a evolução literária do país”. Isto é uma figura de linguagem, pois entre a obra de um escritor e outro não há continuidade alguma. Mesmo que o segundo — o escritor mais recente — decida imitar o anterior, ele não pode imitar cem por cento e ele não vai imitar um só, ele vai imitar outros que o primeiro não conhecia.

No Brasil existe uma linhagem de escritores cariocas unidos por uma série de traços estilísticos comuns que começa com Manuel Antônio de Almeida, autor da *Memória de um sargento de milícias*, passa pelo Machado de Assis, depois pelo Lima Barreto e culmina no Marques Rebelo. Porém, Machado de Assis aprendeu só com Manuel Antônio de Almeida? Claro que não, ele leu milhares de livros. Ele aprendeu com autores que Manuel Antônio não conhecia. Do mesmo modo Lima Barreto não leu só Machado e os autores que esse tinha lido, mas também leu e aprendeu com outros que Machado ainda não conhecia. Então o que se chama de continuidade ou “evolução literária” são apenas analogias entre fatores separados, distintos, que aparecem entre escritores. Há uma continuidade apenas analógica e muito parcial.

O conjunto dos conhecimentos humanos é exatamente assim. Ele não tem uma unidade orgânica. Você pode discernir certas linhas de continuidade analógica, às vezes intencional, às vezes casual, mas nunca uma continuidade total. Uma cultura, definitivamente, não é um organismo. Oswald Spengler usou a imagem do organismo para descrever a história de uma cultura que nasce, cresce, floresce, definha e morre; mas é uma imagem. A história da cultura só adquire este perfil quando olhada a certa distância, mais de perto ela deixa de ter unidade. Mas, de perto ou de longe, a sua unidade é apenas analógica e parcial; é uma figura de linguagem. Do mesmo modo, a história de qualquer ciência também é assim.

Percebam que, do mesmo modo que temos certeza de nossa continuidade pessoal ao longo do tempo, mas só temos conhecimentos de fragmentos de nossa história, estamos em um mundo físico composto de continuidades desconhecidas e o que chamamos de conhecimento deste mundo é uma série de descontinuidades quase caóticas. Esta situação que estou descrevendo, este contraste, é a situação do ser humano na Terra desde o primeiro. Notem que Forestier dá à expressão “ciência da ignorância” uma significação e amplitude bem menor do que eu estou dando. Eu peguei esta ideia e estou trabalhando a meu próprio modo. Este problema da continuidade do real e da descontinuidade dos nossos pensamentos e conhecimentos foi tratado de

muitas maneiras pelos filósofos. Mas aqui, pela primeira vez, alguém está transformando isto em uma prática educacional.

A prática educacional, em qualquer assunto que você esteja estudando, consiste em você tentar compor (imaginariamente) a estrutura dos lugares vazios que tem no seu conhecimento do assunto:

- 1) Primeiro, aquilo que você jamais poderá saber, com o qual você vai ter que contar para poder entender aquilo que você está investigando;
- 2) Segundo, aquilo que você pode conhecer, mas é muito difícil de conhecer;
- 3) Terceiro, aquilo que você pode conhecer, que não é tão difícil de conhecer, mas que você ainda não conhece e precisa investigar.

Este tipo de prática dará para você um senso de consistência do seu conhecimento, porque é em face da ignorância que o conhecimento significa alguma coisa. O recorte que você está fazendo se desenha de maneira muito mais nítida quando confrontado, não com um círculo de desatenção em torno, mas com a consciência do círculo inteiro da ignorância dentro do qual você está recortando aquele pedacinho de conhecimento.

Você pode fazer esta prática, por exemplo, com a história da sua família. Faça a lista dos personagens de cuja história você sabe algo, veja os lances importantes da vida dele que devem ter acontecido, mas que você não sabe.

[0:50] Eu tenho um parente remoto que morreu num acidente com arma de fogo. Até hoje ninguém sabe — isto faz várias gerações — se foi um acidente ou um suicídio; não dá pra saber. Aconteceu o acidente ou ele deixou que acontecesse? Veja que coisa importante numa história familiar! Eu não conheço nenhum outro caso de suicida na minha família; é importante saber se houve ou se não houve, mas não dá pra saber. Isto não é um assunto remoto, é um assunto que me é próximo; afinal, são três ou quatro gerações, a carga hereditária do cidadão está em mim de alguma maneira.

Você também pode fazer esta prática quando estudar qualquer assunto. Tente imaginar as lacunas possíveis e você verá que aquele recortezinho que você fez é realmente uma coisa preciosa, porque é uma zona de segurança em um mar de dúvidas. O conhecimento perde significação quando nós prestamos atenção exclusivamente nele e deixamos o círculo de ignorância pairar em torno de nós apenas como uma zona indigna de atenção. Desse modo ele não tem um perfil definido, porque este perfil está no limite do que você sabe e do que você não sabe, entre conhecimento e ignorância.

Com base nisso você também pode fazer especulações sobre o círculo de ignorância de uma determinada ciência. Quais são os fatores importantes para o desenvolvimento daquela ciência que ela ignora completamente e que jamais poderá ter acesso? Todos nós sabemos que, de uns séculos para cá, as ciências decidiram investigar somente aqueles fatores que lhe parecem materiais; mas nenhuma delas sabe nos dizer onde termina a matéria e onde começa a não-matéria. Os limites da matéria vêm recuando... No fim do século XIX, o químico e historiador Marcellin Berthelot disse: *“Aqui a ciência (natural) já sabe praticamente tudo. Para o século vindouro, só falta agora a gente*

calcular algumas decimais para obter a exatidão”². O sujeito acabou de dizer isto e apareceu a Teoria da Relatividade, a Teoria Quântica, o indeterminismo e melou tudo! E hoje já tem até um negócio chamado Teoria do Caos.

Hoje, por exemplo, nós somos capazes de descrever matematicamente fenômenos de uma complexidade imensa que pareceriam caóticos em outras épocas, mas que hoje sabemos que não são — podemos descrevê-los e até mapeá-los. Ao mesmo tempo, aquelas bases que pareciam ser as mais simples do conhecimento da matéria se tornaram mais complexas do que qualquer outra coisa. Hoje em dia é mais fácil você prever, por exemplo, o que vai acontecer na bolsa de valores do que você saber para onde vai uma determinada partícula subatômica. Aquilo que parecia complexo e inabarcável se tornou descritivo e entrou no campo da racionalidade. O que parecia mais óbvio, de repente virou um mistério.

Eu mencionei pra vocês as três hipóteses que existem na teoria quântica:

- 1) A hipótese de que todo conhecimento da Física será apenas um cálculo de probabilidades, não dá pra avançar além disto;
- 2) A segunda hipótese, que existe um princípio de unidade, uma força causal unificante desconhecida;
- 3) E a terceira, que existem várias forças causais inconexas umas com as outras, que existem vários universos ao mesmo tempo.

Essa é uma situação absolutamente desesperadora, porque dizer que existem estas três hipóteses é mesma coisa que dizer “não estamos entendendo absolutamente nada”.

Existe, por outro lado, uma autoridade pública da ciência. Ela limita o seu campo de estudo aos processos que são mais obviamente descritíveis e matematizáveis sem negar a existência de tudo mais. Porém a proliferação destas observações matematizáveis se acumulou de tal modo — formando bibliotecas, arquivos, milhões de revistas científicas, a rede internacional de publicações científicas — que isto criou em cima do universo existente uma segunda camada: o universo dos conhecimentos científicos inacessíveis (ou, incompreensíveis), a qual se tornou tão complicada quanto o universo físico real, que foi o ponto de partida das ciências físicas.

Então, qual é o princípio de racionalidade subjacente a esse conjunto de conhecimentos e a existência dessa infinidade de registros? Qual é o verdadeiro padrão de organização das ciências como um todo? Ninguém sabe. O mundo da ciência se tornou tão misterioso quanto o mundo físico. Não temos certeza nem mesmo sobre quais são os princípios válidos do método. Nas escolas ensinam assim: “você delimita um conjunto de dados, reúne-os, faz uma hipótese, uma experimentação e está tudo resolvido”. Isto é absolutamente ridículo, é como a criança do ginásio imagina isto nunca

² Nota do revisor: Não consegui confirmar a citação mencionada. O mais próximo que achei foi a afirmação que Marcellin Berthelot fez em 1885 ao dizer que não haviam mais problemas não resolvidos na ciência e que o mundo carecia de mistérios. Em 1894 o físico Albert Michelson fez uma citação muito parecida com a que o Olavo menciona: “The more important fundamental laws and facts of physical science have all been discovered. . . Our future discoveries must be looked for in the sixth place of decimals”. Talvez esta seja a citação correta.

acontece. Se fosse assim tão simples, não haveria a diferença entre o ensino da ciência e a prática da ciência.

Por outro lado, desde Bacon e Galileu, o método científico foi restringindo cada vez mais, não só o seu campo de investigação, mas o seu próprio nível de certeza, ao ponto de que, ao chegar em Karl Popper, já não se pode mais falar de uma verdade científica comprovada. Existe apenas o quê? O estado atual das investigações, o qual mudará no instante seguinte.

O crescimento do volume de registros científicos — que tornou-se uma totalidade inabarcável até mesmo para os maiores cérebros da humanidade — não só criou um conjunto tão complexo quanto a natureza que ele estudava, mas encobriu esta natureza de modo que hoje o que estudamos não é mais a natureza física que os primeiros cientistas na Grécia, ou ainda na Renascença, estudaram, mas a natureza tal com a ciência a descreve [1:00]. Houve, então, um recorte: a experiência direta da natureza, aquela na qual vocês acreditam que vivem (por exemplo agora estou vendo aqui a janela, a neve, as árvores etc), não é mais a que se pode estudar. Você só pode estudá-la sob os ângulos que já foram mais ou menos recortados, definidos e sistematizados pela ciência. A ciência tem um mundo próprio, que é o mundo que ela investiga, e que não coincide com o mundo onde as pessoas vivem. Não há nenhum jeito de você partir das suas impressões sensíveis e construir a partir delas uma investigação científica. Você pode usar suas impressões sensíveis, mas elas terão que ser "mediatizadas" por todas as distinções e seleções já operadas por tal ou qual ciência ao longo da sua história. Por existir o mundo da experiência e o mundo da ciência, os cientistas — é claro — se ocupam cada vez mais do mundo das ciências e o restante não tem importância para a prática científica. Não tendo importância para esta prática, a ciência não pode negar que aquilo que não faz parte do seu círculo de conhecimentos exista, mas pode não prestar atenção naquilo. E o hábito de não prestar atenção pode se tornar uma obrigação de não prestá-la. E esta obrigação pode se tornar uma negação da existência. Ou seja, primeiro passo é: a nossa ciência não investiga tais ou quais coisas (a limitação da ciência). Segundo passo: não há conhecimentos cientificamente válidos sobre estas coisas das quais nós não nos ocupamos. Terceiro passo: não vale a pena pensar nessas coisas. Quarto passo: essas coisas não existem.

As vezes este é tão rápido que uma ciência mal acaba de surgir e já determina que aquilo que está fora do seu âmbito de conhecimento não existe. Um exemplo é a antropologia, que não se preocupa de saber se uma cultura é melhor ou pior do que a outra, mas em descrever a cultura, explicar o seu princípio de integração, seu funcionamento, ver eventualmente os processos de intercâmbio entre uma e outra, observar certas constantes estruturais que aparecem em várias culturas etc. As diferenças de valor entre as várias culturas não fazem parte da ciência antropológica. A antropologia como ciência, no sentido moderno, surge no Séc. XIX, e quando chegou no começo do Séc. XX os antropólogos afirmaram que essas diferenças de valor não existem e que falar em diferenças culturais é uma forma de racismo ou discriminação. Porém, quando afirmam isso, criam-se situações muito

estranhas, por exemplo: você não pode falar mal da cultura azteca porque ela fazia sacrifícios humanos — seria uma forma de racismo —, mas por que você não poderia aplicar o mesmo raciocínio à cultura nazista (que achava que matar judeus era altamente favorável à saúde)? Se um pode matar, por que é que o outro também não pode matar? Isto significa que a proclamação da igualdade das culturas não é séria.

Isso quer dizer que o círculo de ignorância científica é um fator que tem uma presença (no sentido positivo da palavra presença) enorme. Quando o conjunto do *establishment* científico exclui do seu campo de investigação determinados elementos que estão presentes na experiência humana, ele deprime nos seres humanos a vontade de conhecer esses elementos. E daqui a pouco, da desatenção à negação, o passo é muito curto.

Ao mesmo tempo que acontece essa restrição, a autoridade pública das ciências vai crescendo, porque todos os atos da administração pública e privada (todas as decisões de governantes, de líderes de empresa, de comandantes militares etc) só podem se basear em uma de duas coisas: ou em conhecimentos científicos ou em "preferências arbitrárias". Naturalmente, a existência de um corpo de conhecimento científico enorme preservado numa infinidade de registros, constitui para o tomador de decisão uma proteção quase mágica contra a responsabilidade de tomar decisões pessoais. Os governantes passam a agir com base no que lhes foi aconselhado pelos seus assessores científicos e a administração política se torna apenas uma efetivação de práticas baseadas em conhecimentos científicos. As ciências, então, têm um fator estruturante no sistema do poder sobre o qual nós vivemos. E elas têm esse fator estruturante não só como fornecedoras de subsídios (portanto como fornecedoras de razões e justificações), mas através de um campo determinado, que são as ciências sociais, elas têm uma influência na própria estruturação interna do sistema de poder. A partir de um instante em que o Estado, o governo, torna-se responsável pela saúde pública (então ele é o fornecedor da assistência médica estatal e gratuita) ele adquire a autoridade de dizer o que é bom e o que é mau para a saúde. Por exemplo, quando um governante quer fazer uma campanha para erradicar uma doença e ele sabe que certos hábitos das pessoas podem favorecer a disseminação dessa doença ele está até moralmente obrigado a realizar a sua campanha da maneira maximamente eficaz — não pode só chegar na televisão um dia e dar um aviso. Não só a medida é tomada em vista de conhecimentos científicos que lhe foram fornecidos pelos seus assessores científicos, mas a propaganda também tem que ser feita por meios científicos em vista da maior eficiência. É preciso que haja estudos de opinião pública, de como modificá-la, de como se modelar a opinião pública e como induzir numa população a mudança comportamental desejada (ou as mudanças comportamentais desejadas). Isso quer dizer que o Estado se propõe a tratar da sua saúde gratuitamente, mas só se você obedecer aos seus conselhos médicos. [1:10] A partir daí ele passa a determinar o que você pode comer, o que não pode comer, o que você pode fazer, o que não pode fazer, quais são os hábitos legítimos e ilegítimos etc. Evidentemente, a generosidade do Estado que cuida de você corresponde à autoridade paterna de quem agora diz, dita qual é a sua conduta. Com isso a

profissão médica tornou-se um dos instrumentos fundamentais de controle social.

Mas a eficácia da medicina como controle social, depende ou não depende da eficácia da medicina enquanto tal? É claro que não depende. Uma medicina muito ruim e muito ineficaz é instrumento de controle social tanto quanto uma medicina efficientíssima, porque não é disso que se trata. Não se trata da medicina como arte de tratar de doenças ou como arte de prover a saúde, mas da medicina como instrumento de controle social. Por exemplo, hoje nós sabemos que a gripe suína não é tão grave como se dizia (estatisticamente o número de casos não é alarmante de maneira alguma), mas isto pode ser usado como pretexto para uma vacinação obrigatória. Por sua vez, esta pode ter outras finalidades que não têm absolutamente nada a ver com gripe suína. Mas acontece que isso aqui também é um problema científico. Foi um cientista que criou essa articulação entre uma coisa e outra. E esse conhecimento é, para o público, quase tão secreto e inacessível quanto os elementos da própria arte médica que foram usados como pretexto.

Mais ainda: o prestígio do método científico-experimental pode ser alegado para fundamentar conhecimentos supostamente científicos obtidos em ramos onde a experimentação é absolutamente impossível. Por exemplo: a teoria da evolução. Ela não pode ser comprovada experimentalmente de maneira alguma, só o que podemos fazer é usar o método histórico (tentar recompor como as coisas se passaram). Porém o método histórico, na medida em que exclui a experimentação, exclui também a confrontação de hipóteses: se as coisas não se passaram assim, como elas poderiam ter se passado? Por essas investigações serem altamente complexas e demandarem um número enorme de cientistas trabalhando nisso, elas dependem de verbas de pesquisa e se não existirem verbas de pesquisas para estudar a hipótese alternativa, ela não será estudada. Isto torna fácil a imposição como verdade absoluta de coisas que não podem ser testadas e das quais não há provas algumas.

Pior ainda, a distribuição das verbas de pesquisa científica é também uma ciência. A ciência tem de ser administrada racionalmente segundo certas leis econômicas e certos princípios de administração pública que não são arbitrários, mas são também científicos. Durante quanto tempo uma ciência assim constituída pode conservar os seus princípios iniciais de objetividade, ideoneidade, honestidade intelectual etc? É quase impossível! Ocorre então esse fenômeno que está acontecendo de uns trinta anos para cá, que é o da fraude científica generalizada. Fraude científica sempre houve, mas hoje em dia as próprias condições de exercício da profissão científica convidam a isto (prestem atenção ao próximo número da revista *Whistleblower*, do site *WorldNetDaily*, que vai tratar exatamente disso: o que é que está acontecendo na classe científica mundial? Como é possível acontecer uma fraude do tamanho deste negócio do aquecimento global ou da gripe suína?).

O método científico não é senão uma aplicação específica dos princípios gerais da racionalidade humana; ele não se sobrepõe a esses princípios. Porém, na hora que isso se cristalizou como um conjunto de procedimentos tido como o

único válido ou o único que tem autoridade social, a ciência não tem mais satisfações a prestar à racionalidade humana. Desde que tudo esteja feito dentro da linguagem cientificamente aceitável, e nos padrões aceitáveis pela classe científica, pouco importa que seja totalmente irracional. Essas coisas já estão colocadas para além da possibilidade de uma crítica racional, porque a crítica racional ou será feita segundo os próprios cânones daquela ciência em particular, ou não será aceita. Desde logo, o processo científico tal como se formou no ocidente ao longo dos últimos séculos, foi se desligando das exigências racionais que fundamentaram sua origem ao mesmo tempo em que se consolidava não só como autoridade pública, mas como construtor e legitimador único e exclusivo de toda e qualquer autoridade pública, seja de espécie cognitiva ou seja de espécie ativa (política, decisória etc). Ou seja, a proliferação da fraude científica nas últimas décadas não é nem uma coincidência, nem uma "distorção", é algo que já estava dado de algum modo na própria constituição do processo científico. Na medida em que a classe científica tem o poder de excluir fenômenos da sua investigação e negar, primeiro, a importância e, depois, até mesmo a existência desses fenômenos, ela pode e está autorizada a cometer qualquer fraude. Claro que isto já estava presente no método científico desde Newton, Bacon e Galileu, mas como o surgimento da ciência vem associado a uma espécie de idealismo cognitivo, a prática das virtudes que eram associadas ao conhecimento científico ainda têm uma certa vigência residual por algum tempo. No entanto, o convite à perversão completa da atividade está presente de modo permanente e eu acho até um milagre que o fenômeno da fraude universal tenha demorado tanto tempo para se manifestar.

Na verdade, o fenômeno da fraude universal só pode se manifestar no instante em que você tem a rede mundial de comunicações — não somente científicas, mas a rede mundial de comunicações para o público inteiro —, que é uma condição que a própria ciência criou nas últimas décadas. Enquanto todo mundo não teve um rádio, uma televisão, um computador em casa etc, não era possível enganar a todas as pessoas ao mesmo tempo, havia sempre uma faixa imensa da população que, permanecendo alheia aos progressos da ciência, permanecia também defendida contra a fraude científica, exceto na medida em que atribuisse autoridade à classe científica. Mas como existem autoridades residuais (por exemplo, a autoridade do clero, da religião), a maior parte da população não tinha para com a classe científica o mesmo tipo de obediência que tinha em relação ao clero. [1:20] Uma vez removido o clero, sobrou a classe científica. Então a partir do momento em que a classe científica se consolida como guia da humanidade e é aceita como tal não só nos seus próprios círculos ou entre os governos, mas pela população em geral, o reino universal da fraude está estabelecido — é inevitável. Em muitos países, sobretudo nas escolas, e em toda uma camada de formadores de opinião — que não são nem cientistas de profissão e nem pessoas de destaque em área alguma, mas que formam, digamos, a massa das classes falantes — o culto da ciência ainda é intocável. Para a revista *Veja* no Brasil, ou a *Time* nos Estados Unidos, o que a ciência falou está falado. Eles ainda têm essa idéia ingênua e, por isto mesmo, são vítimas e instrumentos de fraude. A facilidade com que toda a grande mídia prestigiosa dos EUA serviu à causa do aquecimento global

mostra isso. Ou seja, é preciso haver não somente a classe científica e a sua autoridade, mas também a autoridade de um círculo imenso de formadores de opinião que são como os acólitos desse culto; são os alto-falantes através dos quais a autoridade científica se propaga e se impõe à massa da população.

Uma vez cumpridas essas condições cognitivas e sociais, o advento de uma ditadura científica baseada na fraude universal é quase inevitável. Hoje nós podemos ver o quanto a idéia de um advento do método científico como uma grande conquista da consciência humana e um elemento libertador que iria nos livrar das trevas e do obscurantismo, foi um engano terrível e até uma mentira. É evidente que nós temos que nos livrar disto o quanto antes. Libertar a humanidade disto hoje está meio difícil. A revelação de fraudes sucessivas de escala mundial certamente abalará o prestígio da classe científica ao ponto de despi-la dos seus atributos "sacrais e mágicos" de um novo clero, mas isso pode demorar muito tempo.

Quando eu digo que nós temos que nos livrar, quero dizer que nós temos que individualmente nos livrar disso. Temos de aprender a jamais confiar em autoridade científica, porque autoridade científica não existe. Quem tem autoridade é a razão humana, da qual o método científico é uma aplicação específica que não pode se sobrepor aos princípios que o fundamentam. Unindo isto que eu estou falando sobre autoridade e fraude científica, com o que estávamos falando do mapa da ignorância no início, podemos entrar numa terceira dimensão do assunto; e é aí que vocês vão ver a gravidade extrema desse processo que eu estou descrevendo.

A percepção de que todo o conhecimento que nós temos do mundo científico é fragmentária, e de que todo o conhecimento que possamos obter é baseado no pressuposto da unidade do real, criou um problema. Tudo o que nós conhecemos são fragmentos, mas só admitimos conhecimento quando fundamentado numa unidade — a unidade do real. Isso evidentemente cria um problema. E a solução que foi adotada por Immanuel Kant e subscrita praticamente por toda a cultura subsequente é a seguinte: o campo inteiro da experiência é composto de fragmentos e é a nossa razão que unifica o conjunto. Então não sabemos se existe uma unidade do real, mas só podemos pensá-lo se admitirmos sua unidade e coerência. A partir daí a unidade do real, a continuidade dos processos etc, passam a ser projeções da razão humana sobre o mundo exterior. E, naturalmente, todo o conhecimento adquire uma feição mais ou menos convencional. É como se disséssemos assim: "tudo o que nós sabemos e que acreditamos conhecer cientificamente é aquilo que é válido para nós, mas não sabemos se as coisas são assim em si mesmas."

Isto é curioso, porque, segundo os seus porta-vozes, a história da ciência moderna enfatiza cada vez mais a humildade da posição humana no Universo e, portanto, a necessidade de maior prudência e modéstia nas nossas pretensões cognitivas. Deste modo se diz que Copérnico tirou o homem do centro do Universo e o colocou na periferia; depois veio Charles Darwin e mostrou que nós não éramos criaturas espirituais, mas apenas uma variante de macaquinhos; depois veio o Freud e mostrou que a nossa consciência nem

existe, ela é apenas "uma luzinha que brilha na superfície de um oceano obscuro..."; etc. Isso aí é uma figura de linguagem que se repete por toda a parte: a queda das ilusões levando o homem a uma posição de modéstia epistemológica cada vez mais restritiva.

Mas como que esta ciência pode ter cada vez mais autoridade se, ao mesmo tempo, está se tornando cada vez mais modesta? Se praticamente nada sabemos a não ser aquilo que vem de dados sensíveis, fragmentários, e que são unificados pela nossa própria razão, sem que possamos jamais saber se as coisas em si mesmas são assim ou assado? Se é tudo uma projeção da nossa razão, então estamos no ponto mais extremo da modéstia, nós praticamente não sabemos nada. Mas se não sabemos nada, como que podemos ter autoridade de dizer o que as outras pessoas devem fazer ou não devem fazer? Como podemos tomar decisões que afetam a vida de milhões ou bilhões de pessoas? Como podemos fazer com que ordens fundadas nos nossos pretensos conhecimentos científicos se tornem obrigatórias para toda a humanidade? Porque é disso o que se trata hoje. Hoje uma entidade como a Organização Mundial da Saúde pode baixar normas que são obrigatórias para toda a espécie humana sem nenhuma exceção. É claro que a implementação disso na prática é problemática, leva tempo e falha na maior parte das vezes, mas a eficácia do processo está aumentando.

A alegação de modéstia epistemológica coincide com o crescimento inaudito da pretensão e da arrogância da classe científica. Esta situação é tão contraditória e tão falsa que ela convida à falsificação da ciência em geral e do próprio modo de existência do cientista. Cada cientista individualmente diz: "epistemologicamente eu sou menos que um átomo, eu não sei nada, é tudo projeção do meu consciente. Mas agora estou aqui assinando um decreto que vai forçar todo mundo a me obedecer e a fazer as coisas do meu jeito". Quem pode viver assim sem ser corrompido? Eu não agüento essa situação! Se eu tiver que cultivar modéstia epistemológica no meu círculo de colegas cientistas e cultivar a arrogância da onipotência com relação ao público, eu ficarei louco num prazo muito breve. O normal é que o indivíduo só exerça autoridade no círculo [1:30] daquilo que ele tenha certeza suficiente.

Ora, a ciência só pode efetivamente progredir se ela for desprovida de qualquer autoridade pública; se a opinião científica for aceita como opinião qualquer, não como opinião especial e, muito menos, como a única válida. O próprio fato de terem dado a esta atividade o nome de "ciência" já é um abuso formidável porque ela é na verdade um tipo específico de ciência limitado a um tipo específico de problemas. Nós devemos negar o direito que isto se chame de ciência; é preciso outro nome qualquer: experimentalismo, materialismo, chame do que quiser, mas ciência não é! Ciência é todo o conhecimento que seja fundamentado, existindo vários graus de fundamentação possíveis.

Será que a unidade e consistência do real são mesmo uma exigência da estrutura interna da nossa razão? Será isto um princípio da razão? Aquilo que é um princípio de uma coisa não pode ser um componente interno dela. Por exemplo, podemos tomar o princípio de identidade ($A = A$) e dizer que ele é

um princípio da razão. Mas se isto é um princípio da razão, ele não pode ser interno à razão, ele tem que ser superior a ela. Se ele fosse apenas um elemento racional entre outros, ele não teria poder sobre o conjunto da atividade racional. E esta burrada os lógicos (que se julgam pessoas muito lógicas) já cometeram há muitos séculos atrás: dizer que o princípio da identidade é um princípio da razão e, ao mesmo tempo, acreditar que a unidade do mundo externo é determinada pela nossa razão. Isto são coisas evidentemente contraditórias. Mas Kant (que eu não acredito que fosse desonesto, mas era um homenzinho muito burro, capaz de pensar coisas enormemente complexas e não enxergar o que estava na cara dele) acredita nestas duas coisas: a razão determina a unidade do conjunto da experiência e, ao mesmo tempo, ela tem um princípio de identidade como seu princípio fundante. Mas se o princípio fundante funda alguma coisa ele não pode ser um componente interno desta mesma coisa, ele tem que transcende-la. Ou seja, se o princípio de identidade vale para a razão, ele tem de valer para alguma coisa além da razão.

Vou dar um exemplo da experiência da unidade. Sentado onde está, você pode imaginar que está em outro lugar, mas não pode estar fisicamente. Então “lugar no espaço” é um exemplo de unidade. Isto pode estar só na sua razão? Se estiver só na sua razão, os procedimentos racionais teriam algum poder sobre isso. A sua impossibilidade de estar em dois lugares no espaço ao mesmo tempo é determinada pela razão? Não, porque um lugar no espaço não é um pensamento que você tem, é uma situação objetiva na qual você está. E o fato de você estar num lugar não podendo ao mesmo tempo estar em outro, mas podendo pensar que está, mostra como o funcionamento do seu pensamento não é exatamente aquele que determina a estrutura do espaço. Ou seja, existem elementos objetivos do espaço que se impõe a você, e dentro dos quais você pode pensar outras coisas. O exemplo mais simples de unidade objetiva intransponível é este: o seu lugar no espaço. Mesmo que esta fosse a única experiência de unidade que nós tivéssemos, ela já mostraria para nós que a nossa crença na unidade do real tem fundamento externo e não que depende da nossa razão, mas se impõe a ela e passa, portanto, a estruturá-la.

Voltando a questão do mapa da ignorância, você pode ter a certeza absoluta de que todos estes elementos que constituem o desconhecido (o ignorado) têm, em primeiro lugar, alguma unidade interna ou então eles não existem. Por exemplo, a sua hereditariedade: ela é contínua. Ou então a história pessoal dos seus antepassados. Você conhece alguém cuja história foi interrompida e começou novamente? Não. O sujeito pode esquecer partes inteiras da sua vida, mas ele teve que existir fisicamente durante esse tempo. Você conhece alguém que desapareceu no espaço, virou anti-matéria, depois voltou, recompôs-se e continuou a história três anos depois? Não. Então você sabe que as vidas dos seus antepassados são contínuas. Você sabe que a história de todas as espécies animais é contínua também; nenhuma geração foi saltada. Mesmo um simples cachorro ou gato contém nele toda uma linhagem contínua e sem saltos que remonta o começo dos tempos. A mesma coisa acontece com uma barata, ainda mais porque nós sabemos que as baratas que existem hoje são iguaizinhas as que existiam nos tempos pré-históricos mais remotos (não

sei por que ela decidiu não evoluir). Então, se houve evolução animal (não sabemos se houve) ela foi contínua. Ela pode parar durante um tempo, a velocidade da evolução pode diminuir, mas não pode ter um salto geracional; uma espécie não pode deixar de existir e, de repente, aparecer lá adiante e continuar evoluindo. Isto é inconcebível. Nós sabemos que todos os processos físicos (macroscópicos ou microscópicos) têm alguma continuidade. Se fossem totalmente descontínuos, você não pode saber se é o mesmo fenômeno ou outro. Por exemplo, uma partícula subatômica que se desloca daqui pra cá continua a mesma partícula, do contrário você teria uma partícula aqui e teria outra partícula lá, e não é isto que acontece (você sabe que a partícula moveu).

Então todo o universo que nós ignoramos é composto de continuidades. Pura continuidade? Não. Há continuidades e descontinuidades, porque há coisas que acabam e não acontecem mais. E existe descontinuidade também entre processos que não tem nada a ver uns com os outros. E é porque existe continuidade que nós conseguimos captar as descontinuidades. Se existissem somente descontinuidades não poderíamos captar continuidades; mas existindo esta última, nós podemos captar também as descontinuidades e saber o que tem que ver e o que não tem que ver. [1:40] Se existe continuidade então nós entendemos imediatamente que o orbe inteiro da realidade desconhecida se compõe de elementos inteligíveis, porque se tem continuidade, tem identidade; e tendo identidade, tem aquele “jogo” de permanência e mudança que observamos em tudo o que acontece, até em nós mesmos. O universo se compõe de elementos inteligíveis desconhecidos. Note que um fenômeno totalmente ininteligível nunca foi constatado; se fosse ininteligível, não poderia sequer ser percebido. Tudo que você capta é alguma coisa, é uma “essência”, portanto tem uma estrutura racional interna e em princípio é inteligível, por mais misterioso e esquisito que seja. É justamente a confiança que nós temos da inteligibilidade do desconhecido que nos permite ignorá-lo, porque nós sabemos que o que quer que venha a ser descoberto do desconhecido não será ininteligível. Nós entendemos e confiamos nisso por uma exigência interna da nossa razão; porém ela não é determinada pela própria razão, nem pela estrutura interna da razão, mas pelo princípio de identidade que lhe é transcendente e superior. O princípio de identidade vigora em toda a realidade e a torna inteiramente inteligível. Mesmo quando existe uma dificuldade imensa de você entender algum processo, os elementos que você está captando dele são, em si mesmos, inteligíveis, senão você não poderia captá-los. Um problema que você não sabe resolver é inteligível, senão você sequer poderia perceber o que é o problema. Então, nós vivemos num campo ilimitado de inteligibilidade, do qual efetivamente inteligimos só um pedaço. Mas não precisamos saber tudo para saber que aquela parte que nós conhecemos é válida, porque nós temos o conhecimento da inteligibilidade universal.

Dentro deste campo da inteligibilidade universal existe um determinado fenômeno especial que se chama “inteligência humana” que é a capacidade que nós temos de “inteligir” o inteligível. René Descartes dizia que esta capacidade nos diferencia de tudo o mais, porque enquanto resto só tem

presença de coisa, nós temos a presença do discurso racional dentro de nós pelo qual captamos a inteligibilidade das coisas. Porém a verdade é que nós, com toda esta nossa capacidade inteligente, estamos dentro do mesmo campo de inteligibilidade onde estão as outras coisas e a nossa inteligência só pode entender aquilo que nas coisas é inteligível. Isto quer dizer que o modo de presença do ser humano dentro desse universo inteligível é o de um ente para o qual a inteligibilidade das coisas não existe somente nelas mesmas, mas existe *para* ele. Eu capto a inteligibilidade de uma pedra na hora que investigo a sua estrutura, descrevo-a e até explico a sua formação. A pedra mesma não faz isso, mas ela é inteligível; e aquilo que é inteligível está “oferecido”, exibido, está mostrado para o ser inteligente que somos nós.

Mas onde está a nossa inteligência? Onde que ela existe? Num outro universo? Não. Ela está dentro do mesmo universo. Mas aí acontece outro detalhe interessantíssimo: tudo aquilo que existe, só pode existir individualmente como substância individual — não existe substância genérica, nunca ninguém viu a espécie vaca andando por aí, você vê uma vaca, duas vacas etc. No entanto, a inteligibilidade de todos os elementos que são acessíveis no cosmos depende de que eles possam ser vistos sob categorias universais. Uma coisa é inteligível porque ela é alguma coisa, é uma essência, e esta essência, enquanto tal, não está de maneira alguma limitada a esta sua manifestação particular, mas pode ter outras manifestações. Ou seja, nós captamos a estrutura genérica, universal, de entidades singulares. Estrutura genérica universal que não está fisicamente presente em parte alguma, mas que ao mesmo tempo está presente em cada ente singular. Isto quer dizer que o ser humano tem a capacidade de vivenciar as coisas num nível de universalidade que as coisas, por si mesmas, não podem mostrar. E é claro que isto é o fundamento de toda razão e todo conhecimento humano.

Quando nós captamos uma essência — ou seja, nós captamos a inteligibilidade de um ente, de uma pedra, de um animal, de uma folha etc — o que nós estamos captando não é uma projeção da nossa mente, é algo que está mesmo lá! A estrutura da pedra está na pedra, a anatomia do gato, está no gato etc. Mas nós a captamos, por assim dizer, sob a forma de pensamento e não sob a forma de presença física. Era isto que Aristóteles dizia: nós “abstraímos” do ser fisicamente presente a sua forma essencial e sabemos, ao mesmo tempo, que é essa forma que faz com que este objeto seja precisamente o que é. Mas também sabemos que, além desta forma essencial, a sua existência também está presente. Ou seja, não basta ter uma forma essencial pra existir, precisa-se da forma essencial e da manifestação concreta desta forma no tempo e no espaço.

A nossa inteligência consegue elevar as coisas ao seu nível de universalidade criando para nós uma rede de relações conceptuais que nos permite pensar em nível de universalidade e inserir todos estes entes singulares nesta universalidade. Isto cria em torno de nós uma atmosfera quase mágica que não existe para as coisas, porque para estas só existe a singularidade empírica da sua presença. Por outro lado, o fato é que todo este nosso exercício da

inteligência se dá dentro do mesmo universo, ou melhor, dentro do mesmo campo de inteligibilidade geral.

A inteligência humana [1:50] não é um elemento que esteja separado das coisas; ele é um campo onde as coisas se refletem e onde as relações entre as várias coisas se tornam mais visíveis do que estão dadas na própria presença das coisas. Por exemplo, quando você descobre uma pedra com estrutura semelhante à outra existente na China, esta pedra jamais tomou conhecimento de que ela tem parentes na China. A mente humana juntou perante esse observador singular coisas que na natureza estão unidas essencialmente, mas separadas existencialmente. Mas se fizermos isso é porque o modo de presença das próprias coisas permite que nós façamos isso. Se a inteligibilidade estivesse somente na nossa cabeça, nós jamais poderíamos percebê-la *nas* coisas; isto quer dizer que essas relações universais que captamos nas coisas estão presentes na própria realidade. Além da experiência que temos das coisas presentes, temos experiências das suas relações dentro de um campo universal de inteligibilidade dentro do qual nós próprios estamos. Nós não somos criaturas que estão separadas do mundo físico, observando-o desde fora, nós estamos dentro dele; e a inteligibilidade que nós percebemos nas coisas não está separada — não está no mundo das ideias — está nas próprias coisas, embora elas não saibam disso.

Então, quando entendemos tudo isso, nós entendemos que se o universo — a realidade total — é um campo de inteligibilidade é porque existe inteligência. Se não existisse ninguém para entender isso, as coisas poderiam continuar sendo inteligíveis? A pergunta não faz sentido... Nós não podemos conceber, de maneira alguma, um universo de entes inteligíveis que jamais possam ser entendidos por ninguém! Quando nós percebemos que um determinado ente da natureza é inteligível, nós dizemos que a inteligência está presente lá sob forma passiva, que se atualiza quando nós entendemos. Porém, se não houvesse nenhuma relação entre o inteligível e o inteligente, o inteligível não seria inteligível, nem o inteligente seria inteligente. Isso quer dizer que nós não precisamos apelar à teoria de um *design* inteligente que formou o cosmos; a inteligência está presente no cosmos o tempo todo e não somente na sua formação. Ao falar de um *design* inteligente você já está separando o universo da sua origem: a relação entre o projetista inteligente e o objeto projetado seria uma relação externa. Mas é claro que isso também é inconcebível. A inteligência do projetista não se limitou a desenhar o objeto e colocá-lo no espaço; esta inteligência continua presente no objeto, sob forma passiva, que se revela à inteligência ativa do ser humano. A hipótese de considerar a inteligência humana (a capacidade de conhecimento humano) como uma coisa que está fora e separada do mundo material — como afirmou René Descartes — leva-nos a absurdos. O que podemos fazer é reconhecer que estamos dentro de um campo infinito de inteligibilidade adequado à nossa inteligência — adequado *essencialmente*, mas não *existencialmente*. Não existencialmente por quê? Porque nenhum ser humano pode realizar esta inteligibilidade de modo total.

Se nós entendemos que a inteligência não existe somente em nós, mas existe em tudo sob a forma do inteligível, então é claro que a nossa perspectiva do universo já está imediatamente livre de todo este dualismo cartesiano e também está livre da idéia que existe um mundo físico que só pode ser estudado de certas maneiras e não de outras. Por que teríamos sempre que proceder segundo o método científico experimental? Por que, se nós acabamos de ver que nós não podemos praticá-lo a não ser com base na razão humana; e a razão humana não pode funcionar senão com base na admissão da unidade do universo inteligível? Simplesmente, não pode haver um método único e específico que seja “o fiscal”, “o autor” de todo conhecimento... isto não é possível. Senão, ninguém jamais teria conhecido nada antes que fosse inventado o método científico! Mais ainda, o método científico não pode provar a inteligibilidade do seu próprio objeto: ele parte desta inteligibilidade como um pressuposto. Você não pode demonstrar empiricamente, experimentalmente, que um determinado objeto é inteligível, porque o próprio estudo que você está fazendo se baseia na inteligibilidade dele. Então ela já está dada antes que comece o estudo científico.

Antes que aparecesse o método científico moderno, esta inteligibilidade do cosmos já era visível a milhões de pessoas ao longo do tempo que a expressaram de mil e umas maneiras. Por exemplo, o que os antigos sistemas mitológicos estão fazendo? Estão dando uma imagem simbólica desta unidade e inteligibilidade do cosmos tomado simultaneamente em todos os seus níveis de existência. Por que isso deve ser considerado uma coisa inexata, ou não válida cientificamente? Dê-me meio motivo. Se há uma “expressão suficiente” e ela própria é inteligível — tanto é que nós podemos entendê-la —, então isto também é um conhecimento válido!

Se você sabe que o universo inteiro é inteligível, que sua inteligência faz parte do mundo inteligível e que você mesmo jamais poderia conceber concreta e individualizadamente a infinidade dos elementos inteligíveis que lhe cercam e que tornam a sua inteligência possível, então qual é a maneira realista e correta de você se relacionar com este campo de inteligibilidade infinita? Se você tenta imaginá-lo, você consegue só esquematizá-lo. Se você tenta conhecê-lo individualizadamente, você fracassa. E se você decidir não pensar mais no assunto, eu direi que é impossível. É impossível alguém só se preocupar com os processos que são estudados na ciência. Estes processos não são praticáveis senão com base na mesma estrutura da razão. Então, não tem para onde fugir [2:00]... Mais ainda, você sabe que por mais inteligente que você seja o número de elementos inteligíveis é infinito e que, se a sua inteligência se afastar por um minuto da atenção a esse campo de inteligibilidade universal, você não vai entender mais nada. Então qual é a atitude correta? É a abertura humana à inteligibilidade universal. Essa abertura não pode tomar outra forma senão a do fascínio, do maravilhamento, porque é uma coisa muito grande e ao mesmo tempo é dela que vem a minha capacidade de entender as coisas pois sou apenas mais um elemento que está presente neste universo. Eu também sou inteligível a meu modo, tanto que eu estou falando e vocês estão me entendendo. A inteligibilidade universal que abrange a sua inteligência não pode se tornar um simples conceito dentro da

sua mente: o conceito de inteligibilidade é uma coisa e a existência dela é outra. Você não pode dominá-la cognitivamente, mas para continuar entendendo é preciso que ela lhe domine e continue inspirando a sua inteligência a ver mais coisas, entender mais coisas etc. A relação que se estabelece entre você e a inteligibilidade universal é uma relação de fascínio, maravilhamento, amor e devoção. Esta é a única atitude possível.

E o que é essa inteligibilidade universal? É o Logos divino presente em todas as coisas. Não existe outra atitude que seja racional, cientificamente defensável etc, esta é a única possível quer você a pratique conscientemente ou inconscientemente. No século XVIII as pessoas tentaram trocar esta idéia do Logos pela idéia da natureza — a mãe natureza etc. Ora, a mãe natureza, por bonita que seja, só contém uma parte dos objetos, ela não contém, por exemplo, a própria possibilidade de que ela seja inteligível. A inteligibilidade da natureza não pode ser um elemento puramente físico e material. Não é possível, porque a conexão entre inteligível e inteligência não se dá materialmente. Então, na hora em que proclamavam a idéia da mãe natureza, também proclamavam implicitamente no mesmíssimo instante, sabendo ou não, a inteligibilidade universal e o Logos. Essas ideias substitutivas — de substituir o Logos por alguma outra coisa mais proporcional a estreiteza da sua imaginação — são formas diminuídas, atrofiadas da inteligência humana, por mais que pareçam cientificamente respeitáveis no momento.

[Intervalo]

Aluno: Duas aulas atrás, o professor falou sobre a importância da observação dos milagres na realidade. Seria correto afirmar que esse fato, na maioria dos casos, só pode ser constatado através dos testemunhos de outras pessoas? Pensando aqui com meus botões cheguei a uma conclusão: alguém só encontra o real significado do milagre quando experimenta e/ou reconhece em sua própria vida a benção de ter sido agraciado por ele. Acho que o milagre só ganha sua importância e validade na vida do indivíduo quando este constata por si ou em si mesmo o milagre como fato e, a partir daí, levar em devida consideração os milagres ocorridos com outras pessoas, cenários e épocas.

Olavo: Eu acho que, de certa maneira, é assim. Se nada lhe aconteceu que desperte a sua atenção para isso, dificilmente você vai sequer pensar no assunto. Porém isso não é uma condição absolutamente necessária, porque a história de certos milagres está tão bem documentada que ela, por si mesma, já pode levá-lo a uma série de conclusões. Porém, como expliquei na minha aula sobre o que é um milagre, a maior dificuldade nesse assunto é que as pessoas, ao verem um acontecimento de ordem miraculosa, tentam classificá-lo imediatamente na ordem de outros acontecimentos não miraculosos, distinguindo-o apenas pelo fato de que ele tem uma causa sobrenatural. Então o milagre em si não seria diferente de outros fatos, a não ser pela sua causa. Por exemplo, há um sujeito que estava com câncer, se submeteu a um tratamento e curou; e há outro que não se submeteu a tratamento nenhum, fez uma oração e foi curado. O fenômeno cura que você está investigando é idêntico nos dois casos, só que um caso tem uma causa “natural” e o outro

tem uma causa “sobrenatural”. Esse tipo de estudo não leva a absolutamente nada. Primeiro, porque a prova de uma causa sobrenatural de um acontecimento natural é absolutamente impossível, assim como a prova da ausência de elementos sobrenaturais nos fatos naturais também é impossível. Então a pessoa começou com a coisa errada; começou com conceitos — de natural e sobrenatural — que não são claros de maneira alguma. Sobretudo, são conceitos que se tornam ainda mais complicados quando você os trata como se fossem espécies do mesmo gênero: aqui você tem uma ordem de fatos que você chama de natural e ali uma ordem de fatos que você chama de sobrenatural. Isto é absolutamente impossível, porque se existe o sobrenatural, ele evidentemente abrange e contém o natural inteiro. Ademais, se o fato fosse de ordem exclusivamente sobrenatural ele não poderia ter manifestações naturais e o milagre seria invisível. Se aconteceu alguma coisa, aconteceu dentro do espaço-tempo, no campo da natureza, e, portanto, teve uma manifestação natural, então é claro que elementos naturais têm de estar presentes. A única maneira proveitosa de estudar um milagre é estudar o fato na sua inteireza, com os seus vários componentes, em vez de segmentá-lo segundo distinções que são tiradas, em última análise, da divisão das disciplinas científicas. O milagre pode ter um aspecto biológico, biomédico etc, e você pode vê-lo sobre esses ângulos, mas o milagre não é isso. O milagre se compõe de uma coexistência de processos que em si mesmo forma um conjunto diferente do que você poderia classificar como não miraculoso.

Suponha-se o fato de um dos casos mais conhecidos do Padre Pio, que é o da menina que não tinha pupilas. Fisiologicamente falando é impossível você enxergar sem pupilas; é a mesma coisa que tirar uma fotografia sem máquina, nem lente, nem papel fotográfico, nem coisa nenhuma. Alguém ouviu dizer que havia o Padre Pio e teve a idéia de levar a menina lá. Isso aí já supõe toda a biografia anterior do Padre Pio. Então esses já são os personagens concretos envolvidos na coisa. Você tem o momento do encontro do Padre com essa menina, a oração que ele faz e o fato de que, em seguida, ela começa a enxergar. Tudo isso é um conjunto. Por que o milagre se deu somente no momento da cura? Realmente isso não faz sentido. Por que aquela pessoa foi atraída para lá? Por que ela ouviu falar do Padre Pio quando tanta gente não ouviu? **[2:10]** Por que ela acreditou que deveria ir lá? Este elemento de fé e esperança é o elemento inicial que vai desencadear o processo miraculoso, então ele faz parte intrínseca daquilo.

Se você pegar outros milagres mais complexos, como o milagre de Fátima, você tem: primeiro, o encontro de Nossa Senhora com as três crianças; o fato de que só uma criança via e as outras duas só ouviam; todo o conjunto de reações das crianças àquilo; as profecias; a reação da sociedade em torno; o milagre do sol; e a realização das profecias. O processo todo dura uns trinta anos e se prolonga, na verdade, até hoje. Isto é o que nós chamamos o milagre de Fátima. Mas se você disser: “Aqui tem o milagre do sol”, você tirou a coisa completamente do contexto e a transformou apenas num fenômeno astronômico esquisito. Se ele acontecesse por si, se não houvesse Nossa Senhora nenhuma, mensagem nenhuma, criança nenhuma, e de repente o sol começasse a fazer aquilo sem mensagem nem significado nenhum, então seria

um fenômeno astronômico esquisito e inclassificável; pelo menos de acordo com o que se sabe até agora. Você, primeiro, reduzi-lo a um fenômeno astronômico esquisito e depois investigar se esse fenômeno astronômico isolado tem uma causa sobrenatural: mas que método mais louco é esse? Houve um anúncio de que um milagre seria feito numa determinada hora. Isto é um componente do milagre: a coisa não aconteceu sem mais nem menos, aconteceu na hora e data marcadas e com uma finalidade declarada. Tudo forma um composto. Então você entende que essa ordem de fatos miraculosa pode ser definida por uma série de constantes que não se observam em outros fatos.

Os fatos miraculosos são portanto de uma natureza específica, e não de uma natureza genérica explicada sobrenaturalmente. Esse tipo de erro na investigação dos milagres vem precisamente da idéia de que a ciência moderna tem alguma autoridade nessa área. Você primeiro precisa recortar os fatos de acordo com o formato admitido na ciência X ou Y. Se você não sabe se esse fato pertence a este campo da ciência ou não, como você vai recortá-lo? Não faz o menor sentido, é uma coisa absolutamente irracional.

Mas por que essa irracionalidade não aparece? Porque, na maior parte das pessoas, a razão não se manifesta como tal, mas simbolicamente, através do apelo a símbolos da razão. O uso da razão que o cidadão comum faz é um uso elementar apenas para as suas finalidades de auto-imagem e de existência prática. É o famoso trauma da emergência da razão. O que é a razão? É o senso da unidade complexa do real. É o senso da unidade e multiplicidade, não é nada mais do que isso. Você nasce com a capacidade racional humana. Você tem essa capacidade, porém para exercê-la você precisa de uma série de instrumentos que a razão por si não fornece. Por exemplo, você precisa de um apoio linguístico, de um sistema linguístico que lhe seja dado e que lhe permita operar materialmente com isso. Por exemplo, o caso do menino lobo que foi solto na floresta, criado por uma loba e que aos três anos de idade já se comporta como um lobo e nunca mais aprende a falar. A razão está presente nele do mesmo modo, mas como ela não tem os instrumentos para ser manipulada materialmente no mundo do espaço-tempo ela atrofia. Você precisa de uma série de condições que você não tem. Ademais é evidente que não basta somente a língua. Você precisa de uma série de outros esquemas simbólicos que já foram elaborados pela sociedade e que você tem de incorporar para poder pensar. Mas, ao mesmo o tempo, o impacto da experiência da realidade una e complexa já vem para você desde o início. Um bebê recém-nascido já está dentro do campo de inteligibilidade unitário e complexo onde vivem todos os outros. Isso quer dizer que os problemas que são típicos da razão já são vivenciados pelo sujeito desde que ele nasce. Mas até ele desenvolver a capacidade de manipular isso, ele terá acumulado enigmas e áreas de incompreensão e de ininteligibilidade accidental que, para ele, não é accidental.

Por isso eu digo que a presença da razão no ser humano é em si mesma traumática. A tremenda importância que a faculdade da razão nos dá dentro do conjunto do universo é como foco articulador. É na inteligência humana que

os fenômenos díspares revelam a sua unidade. Esta unidade existe objetivamente, mas se revela para o ser humano. Os próprios elementos envolvidos no processo não estão conscientes disso. Por exemplo, um urso polar não sabe que existem girafas e elas não sabem que existem ursos polares. Eles não sabem que estão no mesmo mundo, mas você pode juntá-los no jardim zoológico, ou pelo menos na sua memória. A importância dessa faculdade da razão implica também que ela tenha um preço, e esse preço é exatamente o descompasso entre uma faculdade, uma potência que você já possui plenamente desde o início e o fato de que essa plenitude ficará retida e só se manifestará se certas condições forem cumpridas.

Então, não tendo autonomia racional desde o início — embora tendo a faculdade, ele não tem o domínio daquilo — o cidadão projeta a força da razão em certos símbolos que para ele representam a ordem e a unidade. Um desses símbolos é a autoridade paterna. Depois ele vai trocando de símbolos, mas são todos símbolos.

Para a maior parte das pessoas a razão é a autoridade da ciência, da camada científica — aqueles mesmos que recebem propina para dizer que existe aquecimento global. É nesses que você confia que encarnam a razão. Então, na hora de lidar com um assunto como os milagres, você pergunta a eles, e eles fazem aquilo que sabem fazer: recortam o fato de acordo com os cânones da sua ciência em particular, o reduz àquele seu aspecto e o estuda para descobrir se aquele aspecto foi determinado por uma causa sobrenatural. Faz-me rir; isto é impossível! A primeira coisa que os estudiosos “científicos” dos milagres fazem é deformá-los completamente, decompô-los em elementos separados cuja junção precisamente constitui o milagre. Se fossem separados, não constituiriam nada.

Três meninos ouviram Nossa Senhora falar: pode ser uma ilusão, um fenômeno psicológico, um fenômeno parapsicológico qualquer e até um fenômeno demoníaco. O que é mais essencial no milagre é a fusão inseparável de certos acontecimentos com a mensagem e a previsão que é feita e o fato de que a previsão se cumpre inteiramente com vinte, trinta ou mais anos de intervalo[2:20]. O milagre tem de ser contado inteiro e é a narração inteira que constitui o milagre, não os seus componentes separados. Isso me parece ser o óbvio. Antes de haver uma “ciência” dos milagres tem de haver uma fenomenologia dos milagres, ou seja, descrever o que ele é tal como ele se apresenta. E o milagre não se apresenta como uma coisa de causa sobrenatural: a causa não está presente, ela não é visível. O que o caracteriza como milagre não é que ele tenha uma causa sobrenatural — o natural também tem causas sobrenaturais —, é o fato de que ele é um tipo específico de acontecimento que é irreduzível a outras ordens de acontecimento estudadas pelas várias ciências. Então, precisa-se criar uma ciência específica dos milagres, e essa ciência tem de começar pela descrição adequada do fenômeno e não com a sua redução à categorias que o separem, que o picotem, pois uma vez que você picotou, você não tem mais um fato, tem um fragmento imaginário de fato composto recortado segundo as categorias prévias de uma ciência preexistente. Então você está de fato estudando uma

coisa inexistente, está estudando uma abstração. E vai dizer que essa abstração teve uma causa sobre natural? Não! A causa da abstração é você mesmo, foi você quem recortou. Tudo isso é uma imensa sistematização da burrice.

Eu não estou dizendo que é necessário que um milagre aconteça a você para que você possa estudá-lo. Se aconteceu, então você tem uma dica de como isso acontece. Mesmo que aconteça para você, você pode retroativamente encarar-lo dessa mesma maneira picotada e abstratista que eu mencionei. Então, mesmo que aconteça para você, isso não quer dizer que você vai entender. O milagre se chama *miraculum*, quer dizer, algo que é digno de ser contemplado. Quando você pensa na inteligibilidade universal, você se abre para ela, você não pode pensá-la como um conteúdo da sua mente, ao contrário, você tem de se abrir e deixar que a inteligibilidade universal modele e forme a sua mente. Sua mente tem de ser um reflexo passivo e fiel da inteligibilidade universal. Não se trata de pensamentos, se trata de abrir-se e perceber. Todos aqueles exercícios que eu dei no começo ajudam você a despertar esse sentido da inteligibilidade universal e o sentido da abertura. A contemplação de um milagre é exatamente a mesma coisa: a experiência que você vai ter é a de uma abertura para uma luminosidade, para uma inteligibilidade integral, e, nesse sentido, nada mais inteligível que um milagre, porque ali se manifesta a vontade divina. O autor da ação está manifestando o que ele quer que aconteça, então não há nada de ininteligível num milagre. Ao contrário, ele é até mais inteligível que outras coisas, porque na maior parte dos fenômenos a ordem subjacente só aparece encoberta por muitas camadas de aparência; você tem de cavocar ali para descobrir. Mas, no milagre, não. O autor e a ação estão ali, totalmente presentes. Até a noção do sobrenatural não faz sentido nesta ordem, porque é apenas um conceito classificatório que você inventou. Você sabe quais são os limites da natureza? Não, então você não sabe o que é o sobrenatural. Esses conceitos não servem. Eu não estou negando toda a eficácia dos conceitos de natural e sobrenatural, mas você não pode partir disto aí. Uma pequena abertura sua à inteligibilidade universal lhe dará o mesmo sentido de contemplação maravilhada que você terá quando observar um milagre em toda a sua plenitude, é exatamente a mesma coisa. E aí você verá que a inteligibilidade universal é um milagre ainda maior do que qualquer milagre em particular.

Aluno: Existe diferença entre o tratamento que Sócrates e Descartes dão ao conhecimento de verdades matemáticas?

Olavo: Sim, sem dúvida. Para Sócrates, as verdades matemáticas são idéias, formas no sentido platônico, são indícios da existência de uma faixa de realidade eterna e imutável que serve de modelo para a compreensão dos fatos do mundo mutável e transitório. Para René Descartes, os fatos matemáticos não têm essa dimensão, eles são apenas o padrão de certeza e exatidão pelo qual a mente humana deve se pautar, deve se dirigir. Para René Descartes, as realidades matemáticas têm uma função epistemológica ou gnoseológica de orientar a inteligência humana. E, para Sócrates, não. Aquilo

tem um alcance ontológico, quer dizer, existe o mundo das realidades matemáticas, que são símbolos das ideias eternas.

Aluno: A base da liberdade dos EUA não vem precisamente do fato de que o Estado não interfere nas várias correntes cristãs?

Olavo: Isto é precisamente espírito da coisa, porque após a reforma protestante proliferaram as várias denominações religiosas, uma sem jurisdição sobre a outra e todas estavam representadas na liderança da Revolução Americana e na formação da constituição. A única coisa possível a fazer era encontrar um ambiente onde elas pudessem dialogar e, para isso, era absolutamente necessário que nenhuma delas tivesse o poder sobre o Estado, e que este, por sua vez, não tivesse o poder sobre nenhuma delas. Essas igrejas cristãs foram o grande fator formador e civilizador dos EUA. Aqui, as cidades se formaram em torno das igrejas. Primeiro o pastor montava a igreja, depois montavam uma escola, começavam a reunir gente, criavam a comunidade. O processo civilizatório americano se deveu quase que exclusivamente às igrejas.

No Brasil, definitivamente não foi assim, pois o grande desbravador a ocupar todo o território foi o Exército. A sociedade brasileira é uma sociedade que se cria em torno do Exército, e é por isto que até hoje não se resolveu essa questão de poder militar e poder civil — e que não se resolverá jamais. O que é certo, com relação ao Brasil, é que não se terá nenhuma organização estável da sociedade se o Exército não ocupar ali a posição central, como a do poder moderador no Império, onde o imperador não pertencia a nenhum partido, mas era quem resolvia os conflitos. Em uma crise ministerial o Imperador intervinha, dissolvia o parlamento e convocava novas eleições. Essa era praticamente a única função dele. Eu creio que, no Brasil, as forças armadas deveriam ter uma função desse tipo e, enquanto isso não for reconhecido, não vai ter estabilidade política de maneira alguma. No Brasil se oscila entre o exército ocupar o governo — o que é um absurdo, o exército não tem de governar como governou durante vinte anos, só podia terminar mal — ou então excluí-lo totalmente e fazer dele apenas um braço do governante eleito, [2:30] que é a situação atual. Não vai funcionar de um jeito como não vai funcionar do outro. O Exército tem de realmente ocupar a função de poder moderador, ou seja, ele não governa, não intervém no governo, mas determina se o governo deve continuar ou se deve haver nova eleição. Fica aí a sugestão para os nossos comandantes militares: essa é a sua obrigação.

Aluno: Eu não sou advogado, mas ao escutar sobre a “jurisfação” da sociedade, com a criação de leis regulamentadoras do convívio social e da moral, algumas conexões surgem. Seria correto dizer que países novos, como o Brasil, sem o direito atual, baseado em longas tradições, como o direito inglês e seu caráter consuetudinário, tem uma tendência exagerada de criar constituições e códigos de leis imensos e, portanto, possui uma fragilidade maior ao ímpeto de se realizar um controle demasiado da sociedade?

Olavo: Sem a menor sombra de dúvidas. Quanto menos o povo está habituado a ter certos direitos e deveres que vêm consolidados pela experiência histórica, tanto mais ativo o governo se tornará no seu ímpeto regulador. Mas estas tradições antigas também não constituem uma defesa permanente — que é o que se observa nos EUA hoje. Por quê? Com a absorção de novas populações pela imigração (tudo da América Latina) você está absorvendo um monte de gente que não participa desta atmosfera histórica americana e que, portanto, não tem este poder, este hábito autorregulador que a população americana tinha: a idéia de que um povo, para ter autonomia em relação ao Estado, precisa saber se governar a si mesmo. Então existe uma disciplina pessoal, existe uma obediência a essas regras morais (que pode parecer até exagerada), mas é o preço da liberdade. Então, por exemplo, a educação religiosa dada aqui nas casas desde infância torna essas pessoas capazes de “dispensar” a autoridade estatal, porque elas assumem as suas responsabilidades e se governam a si mesmas. O preço disso, evidentemente, ele não fará as coisas conforme a sua vontade (conforme “dá na telha”), mas conforme um código moral pré-existente — que não foi o Estado que criou. O sujeito não tem de obedecer tanto o governo porque ele está obedecendo a Bíblia, e ele não pode aceitar que o governo tenha uma autoridade maior que a Bíblia. Então, é o conceito da liberdade na ordem, mas a ordem não é criação do Estado, ela é preexiste — é uma ordem cultural e religiosa.

Isto está sendo dissolvido nos EUA não só pela imigração, mas pelos constantes ataques pela guerra cultural, promovida, aliás, por estrangeiros — o pessoal da Alemanha, da Rússia, que seriam mortos nos seus países de origem, vieram foragidos aqui, foram bem tratados, ganharam bons empregos, aposentadoria etc. e se empenharam, então, em destruir o país que os recebia. Se você pegar estes fatores, que são de ordem universitária, somar com a imigração e com o negócio da “penetração islâmica”, você verá que hoje a tendência é deixar as coisas cada vez menos por conta da sociedade e o Estado abarcar e controlar tudo cada vez mais, quer dizer, é um processo de “brasilianização” dos Estados Unidos (que é uma verdadeira desgraça). Aqui existe muita resistência contra isto. Por outro lado, eu não vejo como o multiculturalismo pode administrar a si mesmo. Se existe uma certa unidade cultural, a sociedade pode administrar a si mesmo. Mas dentro de uma circunstância multicultural é preciso um Estado todo poderoso que regule a todos. Então é um problema difícilíssimo de resolver.

De qualquer modo a sua intuição aqui está certíssima.

Aluno: Na última aula (30 de janeiro), o senhor falou sobre as técnicas filosóficas ao seu alcance; mostrou a impossibilidade de compreender todas as coisas dada a natural limitação humana (...).

Olavo: Não é só limitação humana, é a própria estrutura da realidade. A estrutura da realidade se compõe de uma totalidade inteligível e inalcançável quantitativamente pelo homem. Isso não é uma limitação do ser humano, é a própria estrutura da realidade, porque o nosso lugar dentro disso faz parte da estrutura da realidade. Quer dizer que a inteligibilidade (o *Logos*) está presente

em toda a parte; mas dentro do mundo espaço-temporal só há uma espécie de criatura para a qual esta inteligibilidade se torna evidente e que, portanto, lhe permite conectar aquilo que na natureza, no mundo físico, está conectado objetivamente, mas não subjetivamente. Como, por exemplo, a conexão entre espécies animais que se desconhecem.

Aluno: (...) Lembrei então da Bíblia, no Antigo Testamento, quando Adão e Eva comeram o fruto do conhecimento do bem e do mal, foram expulsos do paraíso. No texto bíblico, nenhuma passagem diga que tenham saído com conhecimento que pretendiam adquirir após ter infringido as ordens divinas (...).

Olavo: Este é um dos trechos mais incompreendidos da Bíblia. Por quê? Quando se fala em conhecimento do bem e do mal, trata-se do conhecimento divino do bem e do mal. Não havia outro. O conhecimento que Deus tem do bem e do mal é um conhecimento de ordem puramente cognitiva? Onde ele olha o bem e o mal, reconhece que o bem é bem e o mal é mal? Não. Ele determina o bem e o mal. Então, a árvore do conhecimento do bem e do mal não é saber como algumas coisas são más e outras são boas — se fosse este sentido seria absolutamente auto-contraditório. Se o conhecimento do bem e do mal fosse apenas conhecer o bem e o mal, isto seria incompatível com a idéia de Deus dar uma ordem para eles. Se Deus deu um mandamento, é claro que obedecer ao mandamento é bom e desobedecê-lo é mal. Então, Deus não pode dar uma ordem e, ao mesmo tempo, proibir os caras de conhecer o bem e o mal (no sentido humano deste conhecimento). Então não se trata evidentemente disso — do mero discernimento. Deus não pode proibir-los (Adão e Eva) de conhecer o bem e o mal e depois reclamar porque eles deram ouvido à serpente... Não pode ser este o sentido. No entanto, quase todo mundo que eu conheço entende assim. Por quê? Porque neste mundo não tem mais padre, nem pastor protestante, só tem um monte de vagabundo (de batina ou de terno) tomando o dinheiro dos outros, enganando e não explicando as coisas mais elementares... Trata-se do conhecimento divino, portanto da capacidade de determinar pela sua própria natureza o que é o bem e o mal. Ao contrário, o homem não pode fazer isso, ele vive dentro de um campo onde existe o bem e o mal pré-determinados por Deus; este conhecimento ele pode ter, o que não pode ter é um conhecimento divino e por isso que se diz que a árvore do bem e do mal estava no centro do paraíso. Então o que eles tentaram fazer? Usurpar a autoridade divina de determinar o bem e o mal... Deus também não determina o bem e o mal arbitrariamente, mas segundo a expressão da sua natureza.

Aluno: (...) E mais adentro aos Evangelhos (João 8:32) está a citação do ensinamento de Cristo: “Em verdade vos digo: conhecereis a verdade e ela vos libertará”. Considerando que o conhecimento das totalidades só é possível para Deus, e dado que quanto mais conhecemos mais nos libertamos — conforme o que está escrito na Bíblia — pergunto: esta aparente contradição seria, em outras palavras, o mesmo que foi dito na aula ? (...)

Olavo: De fato é uma contradição somente aparente. Você não está proibido de conhecer a verdade humanamente e nem de conhecer o bem e o mal (humanamente). Você está proibido de tentar ser a causa de todas as coisas e o fator gerador do bem e do mal, que é exatamente o que a cultura moderna está tentando fazer. Dizer que “o bem e o mal é uma escolha sua. [2:40] Não existe... São criações culturais etc.” Agora, se você entender que a proibição de tocar na árvore do bem e do mal é uma proibição do conhecimento, então você cairá na interpretação gnóstica — que Deus fez Adão e Eva dois idiotas (que não podiam saber nada) e que daí veio a serpente salvadora e lhes mostrou o horizonte do conhecimento. O nosso amigo Meira Penna caiu neste pecado formidável de gnosticismo nas primeiras páginas do seu livro *O Espírito das Revoluções*; erro baseado na falsa interpretação da palavra “conhecimento”, da expressão “conhecimento do bem e do mal”. Eles não tinham precedentes do conhecimento humano do bem e do mal; só Deus sabia o bem e o mal. Então, se não tinha um precedente humano, só podia ser conhecimento divino... Deu para entender agora? Se você encontrar um padre ou um pastor vê se ensina isto pra ele, pelo amor de Deus.

Aluno: (...) Fiquei mais em dúvida quando li o Evangelho de João, porque ao ler aquela passagem, fiquei propenso a acreditar que para aqueles que buscam a verdade, Deus se revelará quando assim lhe aprouver. Quis a Bíblia nestas duas passagens mostrar a impossibilidade do conhecimento total pelos homens, mas ao mesmo tempo indicar que, mesmo diante desta limitação, podemos e devemos buscar e alcançar a libertação? Mas se for assim, libertação de que? Se não podemos jamais alcançar Deus na sua plenitude?

Olavo: É ao contrário, Deus se revelará a você na sua plenitude — nada ficará oculto. Ele prometeu isso. O que é o paraíso? É a contemplação de Deus, meu filho! Você pode ter uma imagem disso quando você contempla um milagre ou quando você se abre para a inteligibilidade da totalidade do real e você entende que isto que é o tal do Logos. E a minha inteligência não é, senão, mais um elemento dentro do campo de possibilidades cósmicas balizada pelo Logos. Então quem é que está entendendo as coisas em mim? É o próprio Logos. Quando você entende alguma coisa, onde está acontecendo este ato de inteligência? Não é dentro do mesmo universo? E o meu universo, que é constituído de inteligibilidade e inteligência, se revela a si mesmo em você. É o Logos divino que está entendendo as coisas em você. Claro que tem uma série de imediações e atenuações desde o Logos divino até nosso modesto exercício da inteligência. Mas quando você perceber que a sua inteligência, de certo modo, não é sua, é uma coisa que te transcende e te abarca, e ela possui você na sua totalidade, então daí é um “maravilhamento” sem fim. Isso é uma antevisão da visão de Deus. É mais simples do que parece... Você não vai inteligir Deus como você entende as coisas, ele não é um objeto, Ele é o seu criador e, portanto, é o seu segredo interior — o segredo que te constitui. Então a forma desta contemplação não é a de observação de um objeto, mas de abertura para uma possibilidade superior que está te formando, está te criando e está te mantendo na existência. E esta é a verdadeira relação que diz o amor a Deus. Isso é um amor a Deus, meu Deus do céu! Que outra coisa é? Então, você compreender que Deus está te mantendo na existência, esta é

outra linha de meditações que você pode ter: por que eu existo? Me dá um motivo para eu existir... Não tem motivo! É o ato de criação do amor divino, que está te mantendo aqui agora mesmo — não é que ele te criou lá para trás... é de agora mesmo. Se tirasse o suporte de Deus, se a existência cessasse um minuto, não existiria mais nada, porque nada na existência é *causa sui*, tudo está dentro do tecido infinito da inteligibilidade universal. Nada escapa. Não há regiões autônomas...

Aluno: Conhecimento limitado pode nos levar a novos erros, como será possível conciliar estas duas perspectivas, tendo em vista o plano da salvação divina?

Olavo: Suponhamos que você tivesse a doutrina metafísica integral — você é a reencarnação do René Guénon: agora já entendi tudo, já sei a estrutura do universo inteiro... Bom, você tem tudo isso sob a “forma de pensamento”, não sob a forma de presença real, porque se fosse presença real você seria o criador do mundo... Aristóteles dizia “a alma é, de certo modo, tudo aquilo que ela conhece”. Preste atenção, é “de certo modo”, não é de modo total. Na medida em que você conhece e se abre para este princípio da inteligibilidade universal, você está se transformando no próprio Logos “de certo modo”. Não é totalmente, porque se fosse totalmente isto seria incompatível com a sua própria existência de individualidade criada. Porque o Logos não é só o princípio da ordem universal, ele é o criador do universo também. Você, enquanto individualidade, jamais será o criador.

Se você tivesse este conhecimento metafísico ilimitado — conhecesse toda a estrutura da realidade — você teria se transformado em Deus? Não. Você teria se transformado numa das inumeráveis vozes do Logos, que recebe o amor divino e o retribui na medida da sua possibilidade. Isto é culminação da existência. É por isso que o Jean Borella tem toda razão quando diz que não existe nenhuma realização metafísica. A realização metafísica é simplesmente o do conhecimento humano das coisas divinas, que chega até um certo limite e daí ele passa da linguagem do conhecimento para a linguagem do amor divino que ele vai receber. Por isso que a culminação da espiritualidade humana é a santa missa, o resto é conversa mole — iniciações, rituais, é tudo conversa mole; é na missa que o negócio acontece.

Aluno: Acredito que encontrei um tema para os meus estudos, não sei se tenho capacidade... Estou falando sobre povos antigos, como por exemplo os egípcios, babilônios, sumérios etc. Não sei em que tema específico este assunto se encaixa, mas tem a ver com cosmologia, metafísica, geometria, arte sacra etc, mais especificamente do que tratava Schwaller de Lubicz e John Anthony West, do qual estava lendo um livro deste ultimo chamado “A serpente celeste”. Gostaria de saber mais sobre estes assuntos e sobre estes autores, pois estou maravilhado com o tema deste livro e acredito que encontrei uma fonte de imensa sabedoria a ser explorada, a qual mereceria minha total dedicação. Parece-me que muito do que sai atualmente na ciência e em outras áreas, estes povos antigos já dominavam a tal ponto que hoje jamais pode se imaginar.

Olavo: Mas é exatamente este que é o ponto. Esta presunção de ciência moderna de ser autoridade suprema é tão ridícula quando você a compara com o que egípcios, babilônios já sabiam (...) [2:50] o livro do Schwaller de Lubicz sob este aspecto é insubstituível. Quando você pergunta *“Parece-me que muito do que se sabe atualmente na ciência e em outras áreas, estes povos antigos já dominavam a tal ponto que hoje jamais pode se imaginar. Estou certo?”* Está certíssimo. Pode continuar estudando por aí que você vai abrir muita coisa... Porém tem uma coisa, todas essas civilizações chegaram a uma imensidão de conhecimento que é realmente muito impressionante, mas tinha uma coisa que faltava e ela é a seguinte: Deus só como objeto de conhecimento não funciona; ele tem de ser objeto de ação, tem de estar presente. É por isso que o Cristo diz que “todos que vieram antes mim são ladrões”, porque são imensos edifícios de conhecimentos que abrem de fato ao universo da inteligibilidade do cosmos e depois se fecham num edifício ritual, legal, jurídico etc, e prende todo mundo lá dentro. Isto é o que? É roubo, roubo da autoridade divina. Se vierem gurus, xeiques etc, dizendo “vou te dar a iniciação, você vai virar a realidade suprema...” também são ladrões. Só o Logos divino pode fazer isso, o Logos não só como autoridade divina, mas como presença.

Aluno: No curso da história essencial da filosofia, o senhor mencionou que na época do grande terremoto que devastou Lisboa, os filósofos perguntaram por que Deus permitia que uma desgraça daquelas proporções os abatesse em meio a especulações filosóficas. Com o terremoto do Haiti, a questão esteve presente em quase todos os ciclos de conversa e quase sempre com o propósito de usar o fenômeno como prova da inexistência de Deus.

Olavo: Bom, isto é uma estupidez fora do comum, porque a finalidade da existência humana é a vida eterna, então nenhuma morte é lamentável. E milhões ou bilhões de mortes também não são lamentáveis sob este aspecto; são lamentáveis na medida em que há uma interferência humana que, exatamente como no caso do conhecimento do bem e do mal, permite-se determinar se as pessoas devem viver ou morrer. Quando Hitler ou Stalin decidem isso, eles estão evidentemente usurpando a prerrogativa divina. Mas, preste atenção, Deus vai matar todos nós! E se não fizer isto, adeus vida eterna. Sinceramente, Deus não está muito interessado na sobrevivência de todas estas milhares de pessoas... Por quê? Porque ele as puxou para si. Você vai dizer que ele está fazendo mal com isso? A morte de milhares de pessoas, vista dentro da escala humana, é uma coisa horrível; dentro da escala divina, não é mais nada, todos vão ter que morrer mesmo. É o que dizia minha avó, “Você vê como as coisas estão ruins, gente que nunca morreu está morrendo”. E você quer que Deus pare de matar as pessoas? Então elas ficarão aqui na Terra eternamente? Pra quê? Deus tem o direito de matar quem ele quiser, e fará muito bem de matar; quando Ele me matar e me levar lá pra Ele, eu vou ficar gratíssimo. Não tem aquela expressão “eu vou desta para melhor”? Claro que você deve tentar socorrer os que estão vivos, porque nós não temos autoridade sobre a vida dos outros. Nós temos que preservar nossa própria vida, que nos foi dada, e temos que preservar a de todo mundo. Isto é uma obrigação nossa; você não pode transferir esta obrigação para Deus, Ele não

tem nenhuma obrigação de nos manter na existência, somos nós que temos o dever de defender a existência das pessoas. “Ah, se Deus fosse bom, não faria isto”... Por que não? Deus bondoso teria que conservar todo mundo aqui durante quanto tempo? “Ah, o sujeito morreu com três anos de idade... coitadinho; o outro morreu com 97 anos de idade... coitadinho; Matusalém morreu com 900 anos de idade... que coisa horrorosa! Você vive todo esse tempo para depois morrer...” Pensa bem como tudo isto é ridículo! Se você faz a abolição da vida eterna e ainda quer falar de Deus? Você está falando numa escala em que as coisas não existem.

Aluno: Gostaria de saber em quantos volumes foi publicado o livro Les origines de La France Contemporaine, do Hippolyte Taine. Digo isso, porque consegui comprar dois volumes da obra em selo da editora Robert Laffont.

Olavo: Esta edição é completíssima. Parece que o livro tem quatro volumes na edição original, mas o texto que está na edição *Robert Laffont*, é daquela série chamada *Bouquins* — o texto está completíssimo ali, é uma edição muito boa.

Aluno: Sobre o fato da quididade de um ente estar dada simultaneamente no ser e de esse aprender imediata e mediatamente, não resta saber se não há esta mesma imediatricidade no que diz respeito aos entes desconhecidos? Explicando em outras palavras, para alguém que vê um cão pela primeira vez, não há apreensão da sua quididade nem de seu círculo de latência, já que o fato dele latir, abanar o rabo, morder, não pode ser apreendido imediatamente pelo observador?(...)

Olavo: Pode sim. Se você não apreender o círculo de latência, você não apreendeu nada. O círculo de latência tem que ser comproporcional à forma do ser. Quando você vê um cachorro pela primeira vez, claro que você não sabe tudo que ele pode fazer, mas tem uma série de coisas que você imediatamente já sabe que ele não pode fazer: você sabe que ele não vai conversar com você em alemão, que ele não vai sair voando, que ele não vai botar um ovo, por quê? Porque ele tem uma forma, e esta forma tem uma harmonia interna, e esta harmonia interna é compatível com um certo grupo de potencialidades e não com outro grupo — isto é apreensão imediata. Se você viu o cão pela primeira vez e não percebeu algo disso — não círculo de latência inteira, mas a presença desta latência e a sua harmonia com a forma do ser — então você não percebeu realmente aquele ser, você teve apenas a sensação visível de um ser. A percepção do círculo de latência é imediata. Você diz “ah, mas não é completa”; eu digo que nenhuma percepção de círculo de latência pode ser imediata, jamais; mesmo que você observe o cachorro durante milhares de anos, sempre haverá alguma coisa que o cachorro pode fazer que nenhum cachorro tinha feito antes, desde que seja compatível com a sua forma. Perceber um ente é perceber a sua forma dinâmica, isto é, o seu círculo de latência. Se for um objeto estático — uma pedra, por exemplo — ela poder ficar parada ali no mesmo lugar durante anos, ou milênios, faz parte do círculo de latência dela; e você percebe isto. Agora, se a pedra sair andando, você vai estranhar. E se você cutucar um cachorro e ele não sair do lugar, ele não se

move, não respira, não faz nada, então não é um cachorro, é um cachorro de pedra.

Todos os seres humanos têm esta percepção, e se não tivessem imediatamente, jamais poderiam acumulá-la por experiência, porque você não saberia o que observar do primeiro exemplar para comparar com o segundo exemplar. Por exemplo, aqui você vê um gato [3:00], o gato era preto; você vê outro gato, malhado; outro, rajado. O primeiro estava deitado, o segundo estava andando, o terceiro estava pulando. O que você compara com o quê? Se você comparar o pulo do gato com a cor do outro, você não vai chegar a nada; se você comparar o tamanho de um gato com a cor do outro, também não vai dar; se comparar a posição de um com o tamanho do outro, também não dá... Como é que nós fazemos a comparação certa? É porque nós não pegamos meros detalhes, nós pegamos a forma inteira. Se você pegou a forma inteira, você já pegou o círculo de latência. Então, se você vê um primeiro gato, e o gato era marrom, e depois você vê uma bola de futebol que também era marrom, você vai dizer “é um gato”? Ninguém faz isso... porque você compara a forma dinâmica inteira, a forma inteligível. A forma inteligível é o que nos percebemos imediatamente ou então não percebemos jamais. Não tem um jeito de você pegar uma forma inteligível aos poucos: esperar que o cachorro faça tudo que ele tem que fazer, para depois você admitir que é um cachorro... Assim você vai perceber isso na hora em que o cachorro tiver morrendo: ele está com 32 anos de idade, daqui a pouco o bicho morre e você diz “ah, era um cachorro...” Simplesmente não é assim.

Às vezes podem surgir certas dúvidas. Uma vez o Pedro apareceu com um bichinho que parecia uma batata doce. “O que é isso aí?”. Ele falou: “É um cachorro.” Eu falei: “Não é, não... Vamos deixar aí e esperar crescer pra gente ver o que é...” Era um cachorro de fato, mas estava tão sujo!

Aluno: (...) Não será a quididade, canicidade, ou seu círculo de latência uma operação imediata informado pela experiência (...)?

Olavo: Imediata sim.

Aluno: (...) Quão dissociado e independente dos sentidos de formar experiência é este conceito?

Olavo: Não é independente dos sentidos de maneira alguma. A forma inteligível e o dado sensorial vêm juntos inseparavelmente. Agora, se você falar de objetos desconhecidos, então eles seriam para você objetos meramente possíveis, portanto objetos de sua própria concepção. Quando eu falo deste círculo de ignorância, eu não estou falando pra você preenchê-lo de objetos, mas preenchê-los de ausências — são necessidades cognitivas tuas que se projetam no universo em torno e não são preenchidas por nada. São uma coleção de dúvidas, mas você sabe que a resposta a estas dúvidas serão constituídas de entes que necessariamente terão unidade e inteligibilidade, porque “existir” é ter unidade e inteligibilidade. Existência sem unidade, opa, o objeto que não é um, mas é dois? Se você trazer duas bolinhas perfeitamente

iguais; elas são iguais, mas não em tudo. Elas não são iguais na posição (elas não estão no mesmo lugar no espaço), porque senão seria uma bolinha.

Aluno: A concepção do eu cujo o senhor acha a mais adequada à realidade humana é a mesma de Santo Agostinho ou outra melhor?

Olavo: Nunca houve nada melhor que Santo Agostinho. É o sujeito que contou sua história como ela realmente se passou, e a contou para o único observador, para o único ouvinte, perante o qual ele poderia existir como unidade, que é o observador onisciente. Nós conhecemos a nossa unidade — acabamos de ver isso — de maneira precária e, no entanto, sabemos que esta unidade existe, porque se ela não existisse nós não poderíamos conhecer nem seus pedaços. Então, o nosso próprio conhecimento de nós mesmos se baseia numa unidade desconhecida que nós personificamos na realidade. Veja, personificar é uma coisa — é existir realmente —, conhecê-la é outra. Você não se conhece como unidade, mas é o fato de você ter unidade que permite que você se conheça. Então é o desconhecido que fundamenta o conhecido e que dá razão deste.

Aluno: Como a classe científica pode ter uma autoridade perante a sociedade se não existe nela o organograma de poder, havendo inúmeras opiniões científicas diversas as quais não se sobrepõem hierarquicamente umas às outras?

Olavo: Não. O organograma de poder existe, é claro que existe. Por exemplo, quem determina a distribuição das verbas de pesquisa científica? Os setores da ciência progridem ou se atrofiam conforme a distribuição das verbas; e quem decide isto é ele próprio, o cientista. Então, existe este organograma de poder, sim; e a opinião científica que tem a “autoridade sobre a sociedade” é aquela que está personificada nesta estrutura de poder, e não qualquer opinião científica. Pode haver uma opinião científica divergente, mas ela não funcionará, não aparecerá perante a sociedade como uma opinião de autoridade, porque não está incorporada à estrutura de poder. Talvez dizer que a classe científica tenha uma autoridade não seja muito exato, é o *establishment* científico que tem. Não há classe científica enquanto tal.

Aluno: Vi na televisão alguém comentar que, malgrado o grande avanço científico-tecnológico, nunca a humanidade acreditou tanto em símbolos falsos e fantásticos como Harry Potter e outros (...)

Olavo: Harry Potter perto de aquecimento global é fichinha. Eu acredito mais em Harry Potter que no aquecimento global; principalmente agora, que aqui está nevando como nunca nevou. Na região onde eu moro (periferia de Richmond), que é mais quente do que o resto, está caindo neve de meio metro; como vai ter aquecimento global?

Então, isso aqui é verdade. Porém, precisa ver que esta oposição entre ciência moderna e ocultismo, magia etc é apenas um rótulo para efeito de propaganda. Algumas aulas atrás eu mostrei que este comprometimento

ocultista é profundo na origem da ciência moderna. Ela constitui, de certo modo, uma forma de magia, sobretudo no instante em que o recorte metodologicamente aplicado a certos setores da realidade passa a substituir esta realidade. Então, o que é isso aí? É a imposição de uma segunda realidade... Nós não vivemos mais no mundo da experiência, vivemos dentro do mundo da ciência; e este é constituído de uma série de recortes que as pessoas fizeram porque quiseram, porque era mais fácil para o método delas. O que é isto aí? É magia, é uma forma de hipnose. E quando esta hipnose entra na sua cabeça é difícil de tirar, porque ela vem com uma autoridade e vem com aquela pretensão de realismo e de maturidade. Há muitos cientistas, ou porta vozes da mentalidade científica, que dizem “Não, este negócio de precisar de um sentido para a vida, de uma transcendência, é coisa para as almas fracas. Nós somos pessoas realistas, só acreditamos naquilo que é medido. Nós somos o John Wayne da filosofia, nós só acreditamos no pão-pão, queijo-queijo”. Quando você vai ver este pão-pão, queijo-queijo não é nada disso, é um recorte abstrato para a sua comodidade e que ele se apega aquilo como um fetiche, tapando os olhos para toda uma realidade que ele não compreende; ele que é o fracote, o coitado, o fetiche.

Aluno: Aconteceu em uma indústria, aqui de Joinville, um fato no mínimo curioso: uma indústria de usinagem desenvolveu uma espécie de bactéria no fluido de corte que ataca o sistema respiratório dos trabalhadores, fazendo as pessoas perderem violentamente a sua capacidade pulmonar. A bactéria não atacou os fumantes, pois seus pulmões estavam protegidos pelos efeitos do cigarro.

Olavo: Tudo que faz mal sob certo aspecto, faz bem sob outro aspecto. Um dos argumentos anti-fumo é o seguinte: indústrias de fumo injetam no tabaco [3:10] oitenta e tantas substâncias, todas elas cancerígenas. Isto aí foi levantado, houve um inquérito, uma companhia de cigarro negou que tivesse fazendo e daí foi um cara e provou que estavam fazendo; deu um rolo desgraçado... Só que apareceu uma fábrica que disse “Agora vamos fazer um cigarro sem aditivos, um cigarro só de tabaco”; e a mesma autoridade que falou tudo aquilo manda escrever “A ausência de aditivos não garante um cigarro mais seguro”. Mas se não garante, então que diferença fazem aqueles aditivos todos? Eles não matavam as pessoas? Se os aditivos matavam e agora não tem aditivos, então naturalmente o grau de periculosidade tem de diminuir... “Mas periculosidade não está na composição química, na realidade do cigarro, está num símbolo universal abstrato chamado cigarro. É este o universal abstrato que mata as pessoas, não a composição química efetiva”. Por exemplo, você tem diferentes cigarros, com diferentes composições químicas — cigarro não é feito da mesma maneira aqui, na Rússia, na China etc —, então como você pode fazer uma pesquisa sobre cigarro em geral? É um negócio químico ou não é químico? “Não, não é químico... é metafísico.”

Por hoje vamos parar por aqui mesmo. Muito obrigado e até semana que vem.

Transcrição: Vladimir Scarpa, Silvia Orsini de Assis, Klauss P. Tofanetto, Maurício Doval
Revisão: Julio M. Belmonte, 06/02/2011